

PENTAGRAMA

A revista Pentagrama propõe-se a atrair a atenção de seus leitores para a nova era que já se iniciou para o desenvolvimento da humanidade.

O Pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele também é o símbolo do universo e de seu eterno devir, por meio do qual o plano de Deus se manifesta.

Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o Pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, consegue permanecer no caminho de transfiguração.

A revista Pentagrama convida o leitor a operar esta revolução espiritual em seu próprio interior.

ÍNDICE:

- 2 A FORÇA DA PERSONALIDADE
- 6 CULTURA DO EU OU DEMOLIÇÃO DO EU
- 11 O SONO DO CORPO É O DESPERTAR DA ALMA
- 16 O HOMEM QUE SOBREVIVEU ÀS CONSEQUÊNCIAS DE SEUS ATOS
- 21 UMA GUINADA NO TEMPO
- 26 DOAÇÃO DE ÓRGÃOS: AMOR AO PRÓXIMO?
- 31 ENXERTOS DE ÓRGÃOS
- 34 DIVISÃO, ELEVAÇÃO, OU RENOVAÇÃO DA CONSCIÊNCIA?
- 39 SERÁ QUE NÃO EXISTE NENHUMA VIDA APÓS A MORTE?

1998
ANO VINTE
NÚMERO 4

A FORÇA DA



Cada ser humano é único. A vida das pessoas mais singulares, mais originais é fascinante. No tempo da comunicação e da produção de massa, os homens estão ficando cada vez mais parecidos. O homem do Afeganistão e o da Colômbia, o australiano e o tunisiano, o habitante das Malinas e o de La Haya, o do Japão e o do Brasil andam com os mesmos tênis, dançam a mesma música e olham, todos ao mesmo tempo, o enterro dramático de uma princesa britânica.

Em geral, achamos que isto é inquietante, tememos perder nossa originalidade, nossa cultura pessoal, nossa própria língua e até nossa individualidade. O que foi confirmado, entre outros fatos, pelas palavras do presidente americano, que interdito a clonagem de seres humanos, pois são justamente as particularidades individuais que são necessárias e não a semelhança generalizada.

A arte, a ciência, o mundo dos negócios têm grande necessidade de espíritos originais. O pessoal das empresas deve fazer cursos para desenvolver a imaginação. A meditação e a religião, os artistas e até mesmo as crianças pequenas são solicitados para mostrar sua originalidade. E nós vemos dirigentes que tiram o terno, desfazem sua gravata, cerrar os punhos, terrivelmente sérios e concentrados, aprovando completamente a idéia de obter mais confiança no futuro e mais fé em si mesmos.

Temos necessidade de personalidades fortes e originais. Um ator cômico,

PERSONALIDADE

um prefeito, um vendedor, um pedagogo fazem maravilhas se tiverem humor, um mental claro e rápido, uma gama de sentimentos rica e variada. Enfim: uma personalidade.

REIVINDICAÇÕES EXAGERADAS

A personalidade é algo muito particular. É o que o ser humano possui de mais original e de mais pessoal, e que faz dele um ser único. Conhecemos a personalidade primeiramente como aquilo que constitui o próprio indivíduo e o torna diferente de todos os seus congêneres. Se pedirmos a centenas de pessoas para fazer a mesma coisa, algo simples, como por exemplo cantar a mesma canção, ou desenhar uma casa, cada uma delas o fará de forma diferente.

Além disso, é a personalidade que vai mais longe, que ultrapassa os limites. É a personalidade que provoca muitas dificuldades ou que tem reivindicações exageradas. Quando uma criança bem pequena faz valer sua vontade pessoal pela primeira vez, ela olha seus pais com ternura e orgulho. É espantoso como esta mesma vontade, mais tarde, quando a alma começa a se desenvolver, pode ser um obstáculo a um processo harmonioso.

É possível comparar a doutrina do transfigurismo a uma doutrina impessoal. Na verdade, a personalidade mal deve participar do processo que se desenrola no aluno e graças a ele, o que talvez seja uma afirmação muito dogmática, pois há uma sutileza: a personalidade desempenha bem um papel de

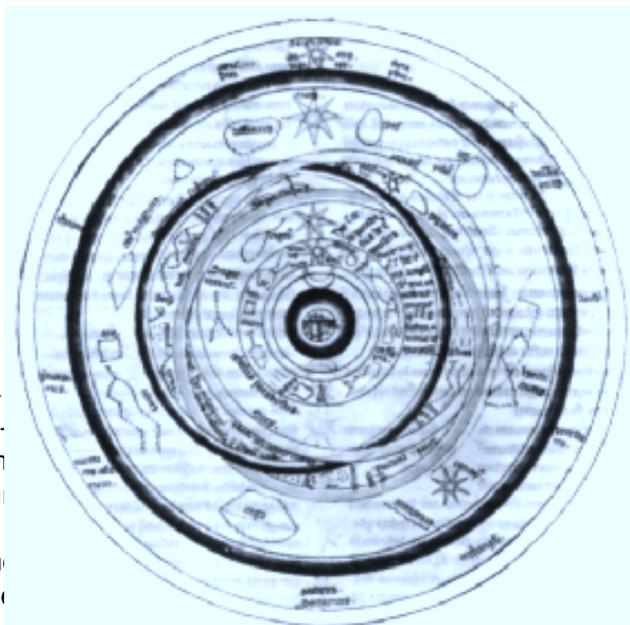
primeiro plano em uma escola transfigurística, mas de forma completamente diferente do que podemos ter previsto, e as personalidades fortes não participam com facilidade. É que o processo individual do renascimento, do crescimento e da libertação da alma pede bem a colaboração da personalidade, mas sem que ela se intrometa nisto.

Este processo começa com uma decisão que podemos tomar apenas depois de ter passado por uma série de experiências na vida e de ter descoberto, graças a isto, que é exatamente o eu que causa as dificuldades, as provas e o sofrimento, em nós mesmos e no mundo. É somente neste momento que é possível tomar a decisão de seguir o caminho da demolição do eu, a fim de nos desligarmos e de nos libertarmos dos ciclos perpétuos da natureza. Esta decisão da personalidade é de uma grande importância.

Quem quer que dê este passo - até mesmo as crianças podem fazê-lo conscientemente, por mais novas que sejam - reconhecem, ao mesmo tempo, interiormente, que o que faz a grandeza da personalidade é colocar-se a serviço do microcosmo. Podemos nos perguntar se alguém que tomou esta decisão deve seguir seus gostos, seus impulsos e sua visão pessoal no caminho que empreendeu, ou se deve seguir um outro fio condutor.

Ora, este fio condutor é o conceito de "auto-entrega total". Quem o aceita e mantém-se neste estado, nunca se encontrará no vazio! Além disso, ele pode ter a convicção de que, se está seguindo este processo conscientemente, não pode ser explorado, nem manipulado, porque a Força gnóstica

Três telas do simbolista polonês Jack Malczewski (1902). No alto: o idealista; no centro, o filósofo que se destaca sobre a paisagem seca de seu ideal; embaixo, a saudade (Museu Narodowe W. Poznaniu, Poznan, Polônia).



que é atraída por suas reações autênticas e puras. Lhe confere a compreensão das circunstâncias de sua vida. Digo: Gnosis é um

uma “Sabedoria Viva”, que pode ser aplicada diretamente. Portanto, não se trata, absolutamente de nos entregarmos a uma outra personalidade, mas de seguir a Força gnóstica que vivenciamos interiormente, que emana do próprio núcleo do ser e a ele corresponde estreitamente.

A Gnosis pode ser vivenciada da mesma maneira, por pessoas diferentes? Não. As reações podem ser muito diferentes. Para um ela está bem distante; para outro, esta Força original está tão próxima que ele “anda com ela”, conforme diz a Bíblia. Um terceiro vai considerá-la como um princípio teórico, ou até mesmo como um deus pessoal com o qual ele pode falar a respeito de tudo o que lhe acontece no dia-a-dia.

TODOS RECEBEM A FORÇA ORIGINAL

A força original que emana do Criador está presente em toda a parte. Todo ser humano é tocado e tem chances iguais, mas cabe a ele mesmo deixar penetrar esta Força e fazer algo com ela. Assim, de um lado existe uma intervenção muito pessoal do Criador em sua criatura, mas, por outro lado, esta intervenção é completamente impessoal, pois não se trata de uma preferên-

cia qualquer do Criador por uma de suas criaturas. Para todos os seres são semelhantes. Todos aspiram, à Luz e à vida, e Deus, a cada

respiração. Podemos estar ou não conscientes disto. Quando os pulmões se enchem de ar, eles recebem igualmente forças e éteres espirituais.

Também é possível, por mais que isto pareça inacreditável, que estes três fluxos do Criador sejam transmitidos pela respiração. De fato, depois que são assimiladas, as forças agem na cabeça por meio do etéride e no coração, por meio do sangue. Se este processo não for perturbado, nascerão pensamentos cheios de amor, uma vontade pura e atos justos.

No que diz respeito a esta assimilação de forças, todos os homens são semelhantes para a Gnosis. A diferença reside no fato de que cada um as transmite de seu modo e de acordo com seu nível de desenvolvimento. Assim, podemos dizer que a Gnosis vem ao encontro de todos os seres humanos e que ela é recebida sem nenhum obstáculo em seu sistema decaído. Entretanto, o problema é que eles retransmitem esta força por meio de seus corações mais ou menos frios e por seu cérebro mais ou menos doente. E eles se vangloriam de fazê-lo.

É com seu eu que eles vivem seu relacionamento com seu Criador, e pensam que estão ligados a Ele.

Como seres racionais, sabemos que este tipo de relacionamento com

Organização do céu, da terra e dos sete planetas (manuscrito de Lambert de Saint-Omer, cerca de 1260, Biblioteca Nacional de Paris).

a Fonte de todas as coisas é impossível. Trata-se, quando muito, de uma reflexão cotidiana sobre esta Força intocável.

Como considerar sensatamente esta Força divina inalada cotidianamente? Como alguém pode saber se continua verdadeiramente na Luz da Única Verdade? Não é tão difícil. De fato, os resultados falam por si mesmos! Eles são libertadores ou aprisionadores? Se eles dão importância à pessoa, trata-se de uma tendência natural da vida dialética; mas, se eles nos dão o respeito pela criação, por nossos semelhantes e pelo plano de desenvolvimento que deve ser realizado pela humanidade, isto significa que a Luz crística continua operando em nós e que já está surgindo uma nova realidade.

É possível desejar esta realidade de toda a nossa alma. A intensidade de um desejo como este pode fazer com que avancemos em direção à meta, mas sem impaciência, nem constrangimento, sem nos sentirmos obrigados, nem por imitação. Quem faz a escolha errada e se entrega à admiração de uma outra pessoa (seja ela uma estrela do cinema ou da televisão, um jogador, um político, um filósofo ou um homem de negócios riquíssimo) logo cai na armadilha. Para esta pessoa, é difícil restabelecer sua ligação com a Vida original, e uma grande decepção a espera.

Cada um deve estudar quais são as possibilidades que tem para deslocar os acentos de sua vida, para em seguida passar à ação, pois a filosofia, por si só, não o auxiliará em nada. É preciso obter resultados; os resultados o tornam consciente e a consciência faz com que ele avance, nem tão depressa, nem tão

facilmente quanto ele gostaria, sem dúvida...porém, este é o único caminho. Portanto, é preciso que nos entreguemos a uma luta interior, que também pode valer para o exterior. No decorrer deste processo, a personalidade aprende a aceitar, a fazer sua auto-entrega; ela vai aprendendo caindo e levantando, e então ela retém a lição que a ajudará a ir mais longe.

NOVOS PODERES A SERVIÇO DA HUMANIDADE

E qual é o resultado? Os traços de caráter típicos vão se impondo cada vez menos, e novas possibilidades, que estavam degeneradas, vão sendo dinamizadas e oferecidas para servir à humanidade.

Um grupo de buscadores sérios que, pela força de sua alma e de sua fé estão a caminho rumo à Unidade, com certeza a encontrarão. O que nunca havia sido conseguido pela divisão e pelo desdobramento da personalidade, agora torna-se realidade, quando a Alma imortal agarra esta chance. A nova comunidade de almas que é o resultado disto, atinge o ponto em que ela se liberta dos laços da matéria.

Quando a vontade é orientada para esta direção, o ser humano, se tiver liberdade, estará preparado para fazer grandes coisas. A personalidade adquire novamente seus poderes originais e segue consciente o processo de re-criação do microcosmo.

CULTURA DO EU OU DEMOLIÇÃO DO EU

“O outro caminho: psicologia do amor, da disciplina e do crescimento espiritual”: este é o título de uma obra que, somente nos Estados Unidos, atingiu uma divulgação de quatro milhões de exemplares. O interesse pelos aspectos espirituais da vida está crescendo nos dias de hoje porque na maior parte do tempo já não podemos resolver nossos problemas a partir de normas materiais ou filosóficas.

A tese do autor é a de que o ego do ser humano deve amadurecer até tornar-se uma consciência divina. “Nascemos para nos tornarmos, como entidades conscientes, uma nova forma divina vivente. Nossa meta não é ser criancinhas inconscientes desprovidos de ego. Precisamos obter um ego maduro e consciente, capaz de se desenvolver até o ego de Deus. Poderemos fazer de nosso livre arbítrio e nossa vontade adulta uma vontade semelhante à de Deus: como adultos, orgulhosamente de pé, andando sobre nossas duas pernas e perfeitamente prontos para fazer uma escolha independente - e, portanto, influenciar o mundo. Então Deus, por meio de nosso ego consciente, adquirirá uma nova e poderosa forma de vida. Assim, nos tornaremos o instrumento de Deus, fazendo parte integrante dele.”

Inúmeros livros e movimentos propagam este tipo de idéias. Muitos dos que visavam exclusivamente o desenvolvimento material agora estão mudando de tática e se interessam pelos aspectos espirituais da vida. Eles dizem, por

exemplo: “Deixem que o ego amadureça até que ele consiga mergulhar na unidade divina, a fim de servi-la.” Este amadurecimento não representa um processo doloroso que traz consigo uma série de tomada de decisões. Amadurecer é, portanto, vencer o medo e a preguiça. É a submissão e a alegria. É poder ser menos que nada, mas também saber ser responsável pelo objetivo final, que é o ego que se torna Deus.

SEM MUDANÇA, NINGUÉM MELHORA

Para todos os que parecem sucumbir à agitação e às tensões da sociedade moderna, este processo de amadurecimento parece ser a resposta às suas indagações vitais. Não é uma solução fantástica? O que nos impede de considerar a vida desta maneira? O que nos impede de relativizar a corrida mundial atrás dos bens materiais e de nos abrimos a estas grandiosas perspectivas, por meio da meditação e da filosofia? Nada!

A menos que consideremos que, neste caso, nada muda para o eu da natureza. Ele continua a fazer suas exigências, pois o ser humano deve estar sempre se esforçando para se manter em um mundo onde é preciso “devorar para não ser devorado”! Desde muito jovem ele é impulsionado a ser o primeiro, a ultrapassar os outros. Estas técnicas e estratégias desenvolveram-se e se enraizaram na consciência a tal ponto que mal conseguimos identificá-las. Carregando um peso como este, o ego poderá amadurecer até tornar-se

“A honra vem antes de Deus”(1610), lema do artista holandês Hendrick Gotzius. No pensamento do século XVII a “honra” era mais importante do que tudo.



um deus? Será que é este, realmente, o nosso objetivo? O eu da natureza poderá, verdadeiramente, se unir a Deus?

Os rosa-cruzes fazem considerações bem diferentes a respeito do caminho de volta à origem divina. Para eles, o ponto essencial é a dualidade do mundo: e desta dualidade o homem não pode fugir. Ele mesmo é um ser duplo, que possui um ser mortal, proveniente da natureza, e o princípio da alma imortal. Esta realidade faz com que o eu da natureza não possa nem ser “amadurecido” nem divinizar-se. Entretanto, em outras circunstâncias e em outros tempos, os homens tentaram fazer isto inúmeras vezes; as civilizações que decorreram disto mostraram-se sempre conflituosas. As brigas das crianças nas escolas - que hoje acontecem com armas - se repetem em todos os campos de batalha da humanidade. Séculos de cultura não mudaram nada!

A CARAPAÇA QUE CONSTITUI O INTERESSE PESSOAL

O transfigurista gnóstico volta-se para a libertação do princípio divino que está oculto na maioria sob a carapaça do egoísmo. É deste princípio que provêm estes desejos de infinito, esta indizível nostalgia, esta aspiração para sair em busca de Deus. Mas alguém pode lembrar-se de alguma coisa, se não tiver dela nem sequer uma centelha? Como poderá falar de Deus se ele não tiver nada de divino dentro de si? Ele próprio - sua consciência natural - não possui nada disto. Ora, é este princípio divino que o chama e o impulsiona a



abrir seu caminho, a deixar-lhe um pouco de espaço.

Criar o espaço para o desenvolvimento do princípio divino é um processo que implica uma luta interior, que somente poderá ser vitoriosa se o desejo de curar-se e de santificar-se for primordial. Um processo como este nada tem a ver com o amadurecimento do eu até tornar-se um deus, pois o caminho gnóstico da transfiguração é completamente o inverso disto.

O transfigurista orienta sua vida em um sentido diametralmente oposto a toda e qualquer cultura do eu. Ele não ama seu pequenino eu, mas o conduz a uma base mínima, de tal forma que o princípio divino possa desenvolver-se, o que significa que, em sua vida cotidiana, ele vai abandonando pouco a pouco todos os interesses que têm como centro o eu, à medida que vai descobrindo estes interesses dentro de si. Que seja feita a Tua vontade, e não a minha". Esta prática permite que o semelhante (a alma divina) atraia o semelhante (a força da Vida divina). Esta Força divina tem somente um ponto de contato com

o sistema microcósmico do ser humano. O verdadeiro transfigurista gnóstico descarta, portanto, tudo o que poderia frear o desenvolvimento do princípio divino dentro dele, que é a centelha divina.

Este processo de renovação implica na ruptura de três laços que o prendem ao mundo do eu da natureza: primeiro, o laço que o prende à matéria, ao bem-estar e à riqueza; segundo, o laço da consideração, do renome e da honra; terceiro, o laço do desejo de exercer influência e poder.

O ocidental, em geral, se afunda em sua própria civilização, mas inúmeros seres também começam a busca abandonando riqueza, conforto e tudo o que pertence à matéria em geral: os hippies dos anos sessentas deram um exemplo disto.

NÃO COMO DEUS QUER, MAS COMO EU QUERO!

O segundo laço que retém o eu é muito mais difícil de ser rompido, pois a consideração o renome e a honra - o que dizem de nós, como nos vêem e como nos consideram - são poderosos alimentos do eu. O terceiro laço é de longe o adversário mais tenaz, pois o eu aspira ao poder e à influência para manter-se. Ele somente aceita o que "seu eu quer".

No caminho da libertação interior estes laços constituem grandes obstáculos; e não é uma invenção da Rosacruz Áurea atual para apresentar algo novo: trata-se do tesouro cultural de todos os povos. Em quase todas as

"Aquele que não tem desejo", Otto van Veen, 1607. O estóico é coroado pela Virtude protegida por um capacete. Ele recusa não somente o poder, mas também o prazer, a honra e o lucro.

sociedades, estas colunas que são a riqueza, a consideração e o poder desempenham um papel importante, e é arriscado atacá-los. As histórias a respeito daqueles que os fizeram - e que queriam romper estes laços dentro de si mesmos mostram que foi preciso ter muita inteligência, sabedoria, força e, principalmente, fidelidade a seu ideal e uma imensa perseverança.

O homem gosta de acreditar na imagem que faz de si mesmo. Se ela for reforçada por pessoas que partilham de seus ideais, seu eu somente se torna mais reluzente: ele brilha com todos os seus fogos! Este é um fato conhecido no mundo dos políticos satisfeitos consigo mesmos. Se a imagem é bem mantida e cultivada, o eu chega a não fazer distinção entre verdade e mentira. Ele acredita somente em sua própria imagem, em seus próprios poderes e vai se distanciando cada vez mais da verdade. A manutenção de uma ilusão como esta provoca tensões: o eu quer conservar o que ele construiu, enquanto as leis cósmicas atacam sem trégua as colunas-mestras de sua ilusão, para estimular o verdadeiro processo de desenvolvimento interior. Se o eu continuar a se endurecer e a se opor à alma imortal, em um dado momento, já não será mais possível nenhuma transformação. A personalidade está tão cristalizada que a Luz já não pode tocá-la.

Não há nenhuma dúvida de que a terceira prova é a mais difícil de ser ultrapassada. Desde que a humanidade penetrou uma natureza cujas leis lhe eram totalmente estranhas, ela teve que fazer esforços incessantes para manter-se nesta natureza. Seu instinto de conservação lhe deu a certeza e a presun-

ção, duas colunas-mestras edificadas por medo, e que dirigem a alma, especialmente em tempos de prosperidade.

Podemos considerar cada prova no caminho de libertação interior como uma reação a um dos princípios do ego tríplice. O ego da bacia se liga à matéria; o ego do coração se identifica com a consideração e o renome; o ego da cabeça busca o poder. Herodes, que representa o poder, quer matar a alma recém-nascida que, por ser tenra e frágil ainda, foge para o Egito (“em segredo”) para aí crescer em silêncio.

DESLIGAMENTO DAS INFLUÊNCIAS TERRESTRES

Quem está no caminho, rumo à vida divina, a vida original, encontra, de tempos em tempos, estas três tentações. Se elas não conseguirem desviá-lo, finalmente acontece a “tentação no deserto”. Este período da endura (a endura dos Cátaros) em que é preciso resistir com tenacidade, é simbolizado no Evangelho pelos 40 dias de jejum de Jesus no deserto. Quarenta, neste caso, simboliza o número que representa um período de “não-ser”, em que a alma se desliga das influências terrestres, mas ainda não é alimentada continuamente pela Luz.

No Evangelho de Mateus, capítulo 4: 2-7, ele escreve: “E tendo jejuado quarenta dias e quarenta noites, depois teve fome(fome de verdadeira vida!) E, chegando-se a ele o tentador, disse: Se tu és o Filho de Deus, manda que estas pedras se tornem em pães. Ele, porém, respondendo, disse: Está escrito: nem

só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus. Esta é a chave que permite vencer o primeiro aspecto do eu da natureza. Então, o diabo o transportou à cidade santa, e o colocou sobre o pináculo do templo. E disse-lhe: Se tu és o Filho de Deus, lança-te daqui abaixo; porque está escrito: Que aos seus anjos dará ordens a teu respeito; e tomar-te-ão nas mãos, para que nunca tropeces em alguma pedra. Disse-lhe Jesus: Também está escrito: Não tentarás o Senhor teu Deus.”

Em seu segundo aspecto, o eu da natureza acredita-se superior e seu comportamento dá testemunho disto. Trata-se, então, de renunciar a este desejo de obter posição e poder, ou melhor, de transformá-lo em um desejo de unidade que emana da alma.

Se “considerarmos os outros melhores que nós mesmos” os dons do Espírito Santo crescerão ao mesmo tempo que nossa humildade.

ALIANÇA INABALÁVEL COM A VIDA UNIVERSAL

“Novamente o transportou o diabo a um monte muito alto; e mostrou-lhe todos os reinos do mundo, e a glória deles. E disse-lhe: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares. Então disse-lhe Jesus: Vai-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele servirás”. (Mateus,4:8-10)

A alma se eleva muito acima deste terceiro aspecto do ego, esta terceira tentação, na consciência inabalável de estar ligada às leis universais do

Espírito que governam todos os acontecimentos e todas as situações da vida humana.

É muito importante atravessar esta prova, pois ela pode significar o fim das lutas contra o destino, contra seus semelhantes e contra as leis da natureza terrestre, ou seja, contra tudo o que nos contraria e impede que sigamos adiante no caminho.

A alma que se volta à Gnosis aprende a considerar tudo o que se apresenta a ela como uma prova necessária, como etapas de seu próprio processo de purificação. É por isso que ela não se curva sob a pressão do ser aural, mas se recolhe em seu santuário mais profundo, a fim de honrar o divino dentro dela: e isto fará com que ela escape da morte.

“Então, o diabo o deixou. E eis que chegaram os anjos, e o serviram.” Mateus, 4:11)

Quando, depois desta última prova, a alma purificada entra no novo campo de vida e os servidores da Gnosis se unem a ela, estes lhe trazem o bálsamo que cura o sofrimento causado pela luta.

O SONO DO CORPO É O DESPERTAR DA ALMA

O ser humano passa, em média, um terço ou a metade de sua vida dormindo. O que se passa durante este tempo? Esta questão sempre foi objeto de uma pesquisa importante e fecunda. O psicólogo suíço Carl Gustav Jung (1875-1961) interessou-se por ela e sua psicologia analítica tenta dar uma nova dimensão à ciência da alma.

O estudo dos sonhos e do comportamento durante o sono faz descobrir, em particular, as fontes inconscientes e ocultas do medo, da agressividade, dos comportamentos patológicos, das fobias, e permite o estudo dos impulsos que provocam as ações humanas. Muitos destes aspectos foram refutados pelos modelos culturais e rejeitados pelo eu consciente. Como somente se realizam e agem no subconsciente, eles formam um conjunto de forças e de tensões que pode influir fortemente na vida do indivíduo e da coletividade, ou até mesmo governá-la completamente. Assim acontecem coisas que somente podemos lamentar depois. Às vezes, o subconsciente é tão dominador que a conduta já não responde às normas estabelecidas pela sociedade. Há casos em que antigamente um exorcista poderia talvez “expulsar demônios”; hoje, é a psicanálise ou a psicoterapia que tenta resolver estes problemas.

Durante o sono, o corpo é mais ou menos passivo. Uma série de processos puramente fisiológicos acontecem automaticamente, sem que saibamos ou que possamos exercer nenhuma

influência sobre eles. A consciência desliza para um estado de sonho em que se apresentam seres, situações, acontecimentos, encontros extraordinários, fantásticos e absurdos. Assim que a noite passa - com alternância de pesadelos e belos sonhos - o que chamamos de consciência de vigília volta a nos guiar. As diferentes partes da consciência continuam mais ou menos concêntricas e formam uma unidade.

A IMPOSSIBILIDADE DA PERCEPÇÃO OBJETIVA

Durante o sono, a consciência fica como que dividida. Quando despertamos, esta divisão cessa, mas a consciência continua subjetiva, ou seja, submetida à ilusão.

Alguém pediu uma explicação ao sábio chinês Tchuang Tsé. Ele respondeu:

“Uma vez, sonhei que eu, Tchuang Tsé, era uma borboleta. Eu voava de uma flor a outra. Sentia que era realmente uma borboleta e sentia prazer com a leve felicidade de uma borboleta. De repente, acordei e era novamente Tchuang Tsé. Mas, neste momento, eu não sabia se eu era Tchuang Tsé sonhando que era uma borboleta, ou se era uma borboleta sonhando que era Tchuang Tsé.”

A diferença entre estas duas fases da consciência reside no poder de agir ativamente. Quando alguém está no estado de vigília, pode agir ativamente. As conseqüências de seus pensamentos, de seus atos e de seus sentimentos têm repercussões sobre si mesmo e à sua

volta: “Isto é divertido, mas aquilo não! Isto é bonito, mas aquilo é feio! Acho isto interessante, mas não aquilo! Ele, ou ela, faz bem isto, mas não aquilo. Esta coisa me agrada, mas esta outra, não. É verdadeiro, é falso.” Todos estes julgamentos de valor, todas estas aprovações ou desaprovações são fortemente determinadas e ganham sutilezas a partir da consciência de vigília, que é a soma de todos os valores da personalidade. E esta depende, por sua vez, de inúmeras influências que são exercidas sobre ela, de segundo em segundo: a raça, o povo, a cultura e o meio, o sexo, as condições físicas, a idade, todos estes aspectos a forçam a reagir de uma certa maneira.

Além disso, o passado do microcosmo também exerce sua influência, assim como as condições geológicas e atmosféricas da terra, o processo do cosmo e as irradiações que dirigem o macrocosmo. Tudo isto age sobre o homem. E isto, continuamente. A personalidade é assim, impossibilitada de ser objetiva. Ela é subjetiva em consequência do mundo dividido e partilhado de onde ela se originou. E, como ela é subjetiva, ela também mantém a confusão, a divisão e a contradição. Seu mundo está baseado na percepção da vida dualizada! Assim, podemos dizer que o homem sonha quando está dormindo e sonha também quando está acordado.

Ao longo do desenvolvimento da humanidade, muitas vezes se elevaram para encorajá-la e despertá-la. Este chamado ressoa sobre o mundo inteiro, e inúmeras civilizações antigas a ele responderam positivamente. Muitos aprenderam a libertar-se de sua subjetividade abrindo caminho a este interme-

diário completamente objetivo que é a divina alma vivente. Apesar de ressoar ainda hoje, este apelo ainda encontra a humanidade presa à matéria, de onde ela parece esperar a salvação e à qual ela devota toda a sua adoração.

Durante a infância, o ser humano é orientado de tal modo que não consegue ouvir a “voz da alma”: portanto, ele é levado a dormir tranquilamente! Ele é levado a se conformar às leis da natureza dialética e a toda sua organização, que é, ela própria, o resultado do comportamento subjetivo. Nós o aconselhamos, nós o limitamos com doçura, ou com firmeza, caso não possamos fazer de outro modo, para conduzi-lo à pseudo-sabedoria de que nos vangloriamos nas escolas, enquanto que a verdadeira sabedoria, que existe dentro de cada um, não se aprende, mas pode ser obtida pelo reconhecimento interior de nossos próprios atos!

Por mais que o homem seja impulsionado a formar para si um eu alerta, desperto, aplicado, sua alma afunda no sono, neste caminho de seu pseudo-desenvolvimento. Não damos respostas às perguntas essenciais, que são colocadas de lado como não-pragmáticas, não-realistas, e qualificadas de sonhos e fantasias, na esperança de que o estupro pedagógico as enterrará profundamente. Mas Quem sou eu? De onde vim? Para onde vou? O que é a morte? Há uma vida imortal? Deus existe? O que é a Gnosis? são perguntas que jorram do mais profundo de nosso ser! Estas “perguntas importunas”, o materialista faz questão de enterrá-las e fazer com que outros as enterrem, sob uma aparente sabedoria.

A CARAPAÇA DAS CONVENÇÕES

Os jovens, infelizmente, se encontram quase sempre presos a uma rede de convenções, de idéias e sentimentos convencionais. Assim, a jovem e nova vida vai murchando. A carapaça das convenções, dos interesses, dos hábitos e dos medos a constrangem, o que faz crescer as tensões em seu subconsciente. E, quando chega o dia em que o subconsciente sobrecarregado explode, os terapeutas e seus métodos se aplicam em dominar o que não pode ser dominado.

Na maioria dos casos, o jovem perde muito cedo a possibilidade de ficar verdadeiramente desperto. Sua alma vai-se apagando e seu eu vai submergindo no sonho. Às vezes, acontecem fatos que o chocam e ele se pergunta, como Tchuang Tsé: “Será que sou eu, ou existe um outro em mim?” Mas a vida retoma seu curso e o eu torna a dormir, surdo à voz da alma que se esforça para lhe mostrar o caminho da Nova Vida. Assim, com satisfação, cada um sonha com a paz, a prosperidade e a felicidade; com a bondade, o amor e a espiritualidade: com a iniciação e com Deus! E continua fechado em seu pequeno mundo e seus próprios interesses, sua solidão e sua incerteza. Ele assume todas as contradições: “É assim, e não pode ser de outra forma!” Mas a existência em um campo de vida cheio de contradições e oposições, onde a consciência subjetiva não conhece seu caminho, leva a tensões violentas que um dia explodirão.

Aquele em quem o eu se apaga deliberadamente para abrir caminho à alma

divina, aprende a tornar-se objetivo. Ele aprende pouco a pouco a reconhecer, a perceber e a experimentar a realidade divina como o único princípio de vida. Já não submete mais seus pensamentos, seus sentimentos e seus atos a seu interesse pessoal: torna-se capaz de lançar uma ponte rumo a Vida Nova.

A objetividade, tal como a tratamos aqui, é uma faculdade que permite “ver e ouvir”. É por isso que este estado é qualificado como “despertar”, “lucidez”, “renascimento”.

Os humanos sempre foram advertidos de que possuíam este poder divino como um princípio latente oculto dentro de seus corações e que, uma vez desperto, abre a porta para o verdadeiro Homem. Quando o Homem, com h maiúsculo, for capaz de pensar e agir objetivamente, quem alimentará o seu ser será a vida imortal.

A sabedoria gnóstica não se adquire com o auxílio de teorias sobre a verdade, a bondade, a divindade etc., mas ela mostra o poder do conhecimento objetivo que está dormindo no mais profundo de nosso coração. Ela chama os homens adormecidos e os estimula de tal modo que eles devem despertar completamente de seu sono secular.

Os que conseguem fazê-lo e vêem como sua vida é limitada, como são prisioneiros de suas tensões e são continuamente influenciados, pilotados e constrangidos por todo tipo de impulsos subconscientes, estes podem ser tomados pelo desejo de sair deste estado subjetivo (ou seja, este estado de submissão à ilusão) e atingir a liberdade espiritual. Para percorrer este caminho, é preciso compreender que, para a alma

original, a realidade cotidiana não passa de uma realidade ilusória.

AS “FORÇAS COM CABEÇA DE LEÃO” REJEITAM A LUZ

Esta compreensão está se obscurecendo cada vez mais sob a influência das forças do subconsciente, que os Gnósticos do passado chamavam de “forças com cabeça de leão”, “forças de Authades”. Quem quiser escapar destas forças observará que elas o pegarão com mais força ainda.

Elas o trabalharão por intermédio de seu corpo astral, do qual a consciência faz parte, e que determina totalmente os pensamentos, vontades e ações, e isto principalmente durante o sono. Portanto, trata-se de uma divisão da consciência. A parte que está direcionada para a matéria continua ligada a ela, passivamente ou não. A outra parte acompanha o corpo astral quando ele se retira. Como nosso corpo mental ainda é geralmente pouco desenvolvido, a consciência de sono é dirigida quase que inteiramente pela consciência astral e deixa livre o caminho para as “forças com cabeça de leão”. Elas submergem a consciência e afogam o puro desejo e a compreensão, que começam a despontar.

Nesta situação, o “sono do corpo” não é a “lucidez da alma”, como diz Hermes em seu Corpus Hermeticum, e o o “-fechar dos olhos” muito menos é a “verdadeira compreensão”. Pelo contrário! Neste sono, estamos mais fortemente ainda ligados à realidade ilusória da existência dialética.

Tchuang Tsé ou Tchuang Tchu ou Chuang Chu viveu, provavelmente entre 370 e 280 a.C. Vários textos o colocam no mesmo nível que Lao Tsé (“os antigos Mestres”). Não existe nenhum dado histórico a este respeito. O “Livro de Tchuang Tsé” comporta 33 capítulos e parece que somente os sete primeiros foram escritos pelo próprio Tchuang Tsé. Os sinólogos acham que os outros são uma compilação de obras taoístas reunidas em seu nome.

O núcleo da consciência astral encontra-se no sistema fígado-baço, e mais especialmente no plexo solar.

Em geral, este núcleo guia, orienta e determina tudo o que fazem os seres humanos, o que significa que eles são conduzidos principalmente por seus desejos e instintos naturais. Seu coração e sua cabeça podem ter recebido uma cultura muito bonita. Por exemplo, é possível que seu coração tenha gostos muito refinados e que seu cérebro seja dado a atividades mentais muito sofisticadas.

NÃO HÁ ESPAÇO PARA O DESENVOLVIMENTO GNÓSTICO

Se este for o caso, seu desejo secular de conhecer um princípio espiritual

continua fechado em seu coração, por detrás da espessa carapaça dos interesses pessoais. Portanto, não há nenhum espaço para o desenvolvimento gnóstico.

As forças da vida ilusória e de manutenção nesta vida, mas também inúmeras tensões reprimidas do passado microcósmico se manifestam por intermédio do plexo solar. Quem quiser se livrar destas forças por meio das quais é mantido prisioneiro, observará que este método somente reforça as paredes de sua prisão.

Se o desejo de compreensão pura não emanar da consciência clara e objetiva de um coração purificado, quem continua sendo o guia, o guia enganador, é Authades.

No primeiro tomo de A Gnosis Egípcia, (Lectorium Rosicrucianum, 1984, São Paulo, Brasil, p. 127) Jan van Rijckenborgh escreve:

“Este desejo, quando derivado do plexo solar é um absurdo, é sempre um rótulo; em verdade é sempre um desejo de autolibertação às custas de outrem. O verdadeiro desejo de salvação nasce do santuário do coração: é um desejo até agora desconhecido, fundamentado na rejeição da dialética, em não desejá-la. Só então é dada positiva e nova direção à consciência astral.

E repetimo-lo enfaticamente para que fiqueis sabendo com toda a clareza: enquanto a consciência astral estiver domiciliada no santuário pélvico, sois e permaneceis desta natureza, e o mundo astral dialético dá resposta total àquilo atrás de que ansiáis, desejais e apeteceis.

Tão logo, porém, a consciência astral

seja alçada ao coração, este estado atinge o seu fim; então desejais algo que é impossível que o mundo vos possa dar: nasce o desejo de salvação. A esfera astral da dialética (guardai-o bem!) pode sempre responder, sempre dar satisfação a uma pessoa, enquanto os desejos não se alçarem acima do nível do eu comum central, do eu comum consciente, portanto, acima do plano natural comum. Distancie-se, porém uma pessoa desse nível, então a salvação está à vista; então a Gnosis vai ao seu encontro. Mas, então, a primeiríssima tarefa é a purificação do coração.”

Assim, aquele que busca a verdade, depois de ter libertado seu coração do passado dialético, acaba virando um estrangeiro na terra. Seu ser mais interior não tem nenhum lugar onde possa repousar. Durante o sono do corpo, ele já não é presa nem vítima da esfera astral da natureza dialética. Para ele, agora, “o sono do corpo tornou-se a lucidez da alma; o fechar dos olhos, a verdadeira contemplação; o silêncio, uma gestação do bem; o enunciado da Palavra, a obra frutífera da salvação”.

O HOMEM QUE SOBREVIVEU ÀS CONSEQÜÊNCIAS DE SEUS ATOS

Há alguns anos, “The witte Haai”(o tubarão branco) era um bestseller e o filme “Tubarão” oferecia aos espectadores duas horas de suspense. O tubarão branco, com sua grande goela aberta tornou-se uma celebridade mundial.

A representação assustadora do monstro marinho quase fazia com que os acontecimentos perdessem sua significação. Davam relevo ao imenso perigo, ao medo e às reações que aconteciam nos momentos de suas súbitas aparições, mas o leitor ou o espectador não corria nenhum perigo e o tubarão branco somente deixou a lembrança de um arrepio de prazer.

Quando as livrarias não existiam e a Bíblia era para muitos a mais importante fonte de informações, esta espécie de narrativas tinham talvez o mesmo efeito sobre os leitores e ouvintes da época. A história de “Jonas dentro da barriga da baleia” não é somente dramática e cativante, mas também reconfortante e tranquilizadora. Aí está um homem que desobedeceu seu Criador e no entanto sobreviveu às conseqüências de seu ato: depois de três dias, ele saiu são e salvo da barriga da baleia.

Podemos também interpretar os quatro capítulos do Livro de Jonas como a relação de acontecimentos que dizem respeito ao caminho da transfiguração. Queremos tentar, com isto, seguir esta pista, afirmando formalmente que se trata somente de impressões do autor deste artigo.

HISTÓRIA DO PROFETA JONAS

A narrativa bíblica começa pela missão que Deus dá a Jonas: “Levanta-te, vai à grande cidade de Nínive, e clama contra ela, porque a sua malícia subiu até mim.” (Jonas, 1:2). Jonas tenta fugir e encontra um barco que o conduz para a direção oposta. Mas Deus agita uma forte tempestade que ameaça fazê-lo afundar. Durante este tempo, Jonas dorme profundamente, mas o piloto o desperta e o pressiona para dirigir uma prece a seu Deus para prevenir o desastre. Então, Jonas revela aos marinheiros que ele não obedeceu ao chamado de Deus e que é a ele mesmo que devem atribuir sua infelicidade. Ele lhes pede para jogá-lo ao mar para que este se acalme. Logo que isto é feito, surge uma grande baleia que o engole. Ele fica três dias e três noites no ventre da baleia, orando a Deus e lhe expressando sua fé e sua confiança inabaláveis. “Quando desfalecia em mim a minha alma, eu me lembrei do Senhor; e entrou a ti a minha oração, no templo da tua santidade.” (Jonas, 2:7). Então, Deus escuta sua prece e o peixe “vomitou Jonas na terra.” (Jonas, 2:10)

EM DESACORDO COM SEU CRIADOR

A decisão de Jonas é firme: agora ele vai executar sua missão. Para seu grande espanto, os habitantes de Nínive reagem de forma completamente diferente do previsto. Eles fazem penitência para tentar escapar da cólera divina e Deus “se arrependeu do mal que tinha dito lhes

faria e não o fez.” (Jonas, 3:10) Isto irrita Jonas que, em sua opinião, acha que Deus muda seus julgamentos depressa demais e que perdoa muito facilmente os pecadores. Deus então lhe pergunta: “É razoável este teu ressentimento?” (Jonas, 4:4). Jonas não responde. Ele se refugia em uma cabana fora dos muros da cidade



para ver o que vai acontecer. O sol bate com força e Deus faz nascer uma abóboreira para abrigar Jonas a sua sombra, mas no dia seguinte, pela manhã, ele faz vir um verme que ataca a árvore. Suas folhas caem, Jonas está novamente em pleno sol e não vê a sorte que o espera. Então Deus se dirige a ele: “É acaso razoável que assim te enfades por causa da abóboreira? E ele disse: É justo que me enfade a ponto de desejar a morte. E disse o Senhor: Tiveste compaixão da abóboreira, na qual não trabalhaste, nem a fizeste crescer; que numa noite nasceu, e numa noite pereceu. E não hei de eu ter compaixão da grande cidade de Nínive em que estão mais de cento e vinte mil homens, que não sabem discernir entre a sua mão direita e a sua mão esquerda, e também muitos animais?”(Jonas, 4:9-11).

Diz-se que alguém possui o dom da profecia quando é capaz de prever o futuro. Mas estas predições são geralmente especulativas e não correspondem à realidade que está por vir. Os

profetas dos quais fala a Bíblia anunciavam o que os homens dialéticos não podiam ver. Um profeta, tanto agora como antigamente, testemunha processos de desenvolvimento do Plano divino. Ele vê interiormente como os homens-alma progredem e avançam em direção à meta. Ele vê como o Plano divino vai se cumprindo. Esta é a

única realidade para ele e aí não existe nenhum elemento especulativo. No livro *O Advento do Novo Homem** Jan van Rijckenborgh diz:

“O capítulo 14 da Primeira Epístola aos Coríntios principia com as palavras: “Persegui o amor e procurai com zelo os dons do espírito, porém, principalmente, o dom da profecia!”

Conforme dissemos, o dom da profecia é o mais útil e mais necessário no desenvolvimento dos futuros eventos, pois profetas, no sentido da Gnosis, são construtores, realizadores, que não somente anunciam a hora est, porém ao mesmo tempo a cumprem. Essa faculdade provém diretamente da essência das duas naturezas. Já há muitíssimo tempo, esses obreiros participam de dois campos magnéticos bem distintos. Graças a seu nascimento, eles participam do campo magnético da dialética, enquanto graças ao toque da Gnosis participam cada vez mais do campo eletromagnéti-

Vitral de São Janskerk em Gouda.

co da renovação, do novo campo de vida. Eles apresentam como que dois sistemas magnéticos distintos em seus microcosmos, e com isso, também duas influências magnéticas distintas.”

PERTURBAÇÃO DOS PÓLOS DO CAMPO DE VIDA

Se refletirdes agora que esses homens estão de posse de todas as seis faculdades discutidas, podereis determinar razoavelmente o resultado de sua ação. Eles não podem naturalmente, realizar na velha natureza a essência da nova dispensação. Isso está fora de cogitação, pois o grupo de forças magnéticas do novo campo de vida não pode realizar nenhuma atividade realmente construtiva no velho campo de vida, já que este possui uma estrutura magnética totalmente diversa e está submetido à esterilidade. O profeta todavia bem pode perturbar os pólos magnéticos... Tão logo isto aconteça, algo dos filhos de Deus se manifestará. A perturbação magnética é a manifestação, a revelação dos filhos de Deus. O profeta é capaz de evocar, portanto, meramente por sua presença, uma parada imperiosa do trágico curso da dialética.”

Há dois inimigos que tentam impedir o buscador de operar sua ligação com o campo de vida original. Um é seu eu e o outro é a natureza dialética que se ocupa do eu e o assedia. Eles se completam e se alimentam, um ao outro. São como duas imagens que se refletem reciprocamente e que desaparecem juntas, no

momento em que a ligação é rompida. O eu é atacado em seu ponto fraco e reage diretamente com pensamentos combativos para colocar-se em segurança. Tais situações são descritas de modo muito interessante na história de Jonas, com todos os seus altos e baixos.

Jonas é encarregado de uma tarefa. Ele não está transbordante de entusiasmo para executá-la, e quando sua voz interior faz o apelo, ele escolhe a direção



contrária. E assim acontece sempre. Quando alguém se encontra diante do objetivo da vida, suas esperanças se voltam para outra coisa. O “porquê” e o “como” ainda não estão claros para ele. Ele deseja, mas ainda não tem nenhuma imagem clara diante dos olhos. Entretanto, ele não pode continuar sentado, todo sensibilizado pelo desejo de salvação, por mais belo e profundo que ele seja. É preciso que ele passa à ação, e este é o começo de uma luta de duas frentes: dentro de si mesmo, para determinar e seguir a direção correta; fora de si mesmo, para não ficar retido, longe do

objetivo escolhido. Jonas decide fugir. O eu rebelde pode muito bem vencer, então, temporariamente; o ser tocado pelo apelo da Gnosis nem por isto deixa de ser um ser que já foi chamado.

O coração de Jonas está em grande inquietude quando a tempestade se levanta no mar. Ele compreende que é ele, em seu estado de divisão, que constitui o obstáculo para todos os que confiaram em sua arca salvadora. Ele

ele, muito vagas, muito indefinidas. Será que a ajuda oferecida seria realmente uma ajuda? Certamente, pois estas experiências dramáticas suscitam pensamentos que podem fazer com que ele dê o passo seguinte no caminho da libertação interior. Então, ele é conduzido até o ponto em que é capaz de agir pela fé.

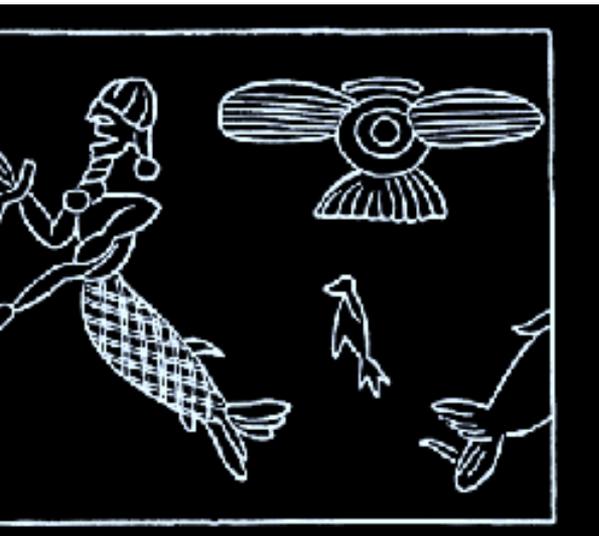
MORRER PARA COMEÇAR DE NOVO?

Assim, ele aprende a morrer antes de morrer. E todo aquele que busca a verdade deve viver estas “pequenas mortes” para encontrar a Vida. Cada prova está relacionada com a “morte como declínio” e com o despertar gradual da nova consciência, que é um despertar que conduz à libertação.

Assim como Jonas, o buscador sente que, em sua submissão, ontem, hoje e amanhã se fundem em um só tempo. Ele se torna um homem que vive o momento presente e, assim, a Luz o pode atrair, purificar e proteger. É por isso que Jonas diz: “Quando desfalecia em mim a minha alma, eu me lembrei do Senhor; e entrou a ti a minha oração, no templo da tua santidade.” (Jonas, 2:7). É a luz. A primeira prova, a prova fundamental, já passou.

Quem passou por uma crise interior semelhante a esta, e sabe com certeza que está no bom caminho, fará com que o mundo conheça sua fé e dará seu testemunho no mundo. Mas quando, onde e como? Nos lugares em que ele se encontra! É seu dever, muito individual, que ele deve agora reconhecer, aceitar e cumprir. Ele deve traduzir em atos o que compreende, e mostrar que não é

Impressão de um cilindro de cornalina (Antique Faiths II, Dr. Inman).



descobre que sua forma material não passa de uma manifestação passageira e substituível da vida original; e esta compreensão o prepara para não agir mais segundo seus próprios pensamentos e desejos e a não renegar sua origem. Ele compreende que seu eu - fonte de todos os seus males - deve ser jogado ao mar. Então, Deus envia a baleia que o engole e o salva.

Jonas se encontra em um isolamento total. Este novo ambiente é estranho e não lhe oferece nenhum ponto de referência. As imagens que são mostradas para sua alma desperta ainda são, para

possível aprender esta nova maneira de viver, mas que ela emana de uma necessidade interior, de uma fé profunda e de uma compreensão pura.

Jonas se dirige agora a Nínive, que já não é o símbolo de sua vida. Ele aprendeu a esquecer seu sofrimento e a voltar-se para o grande sofrimento em que a humanidade está mergulhada. Fica espantado com o que vê, mas também se irrita. Ninguém é perfeito! Em todos ele descobre alguma falha e, no entanto, isto não importa para eles! Será que eles vivem verdadeiramente na luz e na força da Gnosis, como ele, Jonas o “iluminado”, que orienta sua vida pela Gnosis apesar de tantas dificuldades?

Um novo conflito se anuncia. Desta vez, ele já não está mais protegido, sozinho, no ventre da baleia. Sem preconceitos e sem armas, ele deve se voltar para seus semelhantes. Neste momento, ele confirma que a crítica, a inveja, a arrogância moralista e a presunção orgulhosa corrompem a alma de quem se encontra como ele, “à parte”. O fogo de seu caráter dialético consome sua alma e a priva da força da renovação.

A GNOSIS É UMA FORÇA VITAL DE RENOVAÇÃO

Ele atravessa um processo de enfraquecimento a fim de “ser novamente”, e este processo é a conseqüência amarga de um comportamento que ainda é ditado pelos sentidos. Quem busca a Gnosis como uma força viva e não como palavra escrita, se engaja para auxiliar a humanidade sem rumo e sofridora, mas não para julgá-la! Assim,

O Livro do Profeta Jonas faz parte do Antigo Testamento. No Evangelho de Mateus (12:39), Jesus responde à questão dos sinais: “uma geração má e adúltera pede um sinal; o único sinal que lhe será dado será o de Jonas”. Sobre o significado destas palavras e da manifestação do profeta Jonas, muito já se escreveu e muito se divagou. Assim, considerou-se a observação de Jesus como uma indicação do renascimento do sol no signo de Peixes. (Ichtus significa “peixe”, antigo símbolo de Cristo, pelas letras gregas I, CH, T, U, S = Jesus Cristo Filho de Deus Salvador). Também consta uma explicação a respeito disto no capítulo 12, versículo 40, assim como em Marcos 11: 29-30.

ele tem a alma desperta, esta alma que ajuda o buscador da verdade em seu caminho, que atija seu desejo, ilumina sua inteligência e fortifica sua fé, fazendo-o passar pelas provas necessárias.

* O Advento do Novo Homem, Jan van Rijckenborgh, (1988, Lectorium Rosicrucianum, São Paulo, Brasil, p. 357-358, capítulo X “A Faculdade das Línguas (linguagens)”

UMA GUINADA NO TEMPO

“Se alguém está em Cristo nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo”. (Segunda Epístola aos Coríntios, 5:17)

Quem viveu durante uma grande parte do século XX e se encontra agora às portas do século XXI, não poderia imaginar quantos processos agitados marcariam sua vida e até a transformariam completamente.

No mundo inteiro, o século XX confirma um período de grandes transformações, de reviravoltas e descobertas revolucionárias nos domínios científicos, religiosos e espirituais. No fim do último século, as descobertas científicas já a começaram ultrapassar muitos limites. Este processo foi se acelerando durante nosso século e hoje testemunha um impulso sem precedentes de possibilidades e aplicações de novas técnicas. E o fim deste processo está longe e continua indefinido.

No mundo ocidental, as instituições religiosas vêm diminuir rapidamente o número de seus fiéis. Outras idéias e novas concepções vão surgindo. Em nossos dias, queremos ser autônomos e guiados por nossa própria bússola interior. Às portas do século XXI, muitos rejeitam os ensinamentos que colaram sobre sua personalidade e buscam o conhecimento interior. E por que não, se eles são verdadeiramente “os Filhos de Deus”? Os seres humanos estão sentindo cada vez mais que a vida não passa de uma curta existência exterior que termina com a morte, e eventualmente, com uma continuação no além. Eles

suspeitam que a “vida” poderia não ter fim, e que no momento ela se encontra limitada aqui embaixo pelas dimensões do espaço e do tempo.

A partir de um ponto de vista especulativo, percebemos pouco a pouco, mas de modo cada vez mais evidente, que deve haver uma vida universal e uma verdade universal. Pode-se dizer que esta idéia se impõe interiormente ao homem moderno, pois o Uno universal quer que o vivenciemos e o reconheçamos. Ele se revela e, em nossa época, bate à porta de todos os corações humanos.

Em círculos cada vez maiores, vai crescendo a idéia de que a vida, em toda a sua diversidade, forma a unidade absoluta, que há uma coerência e uma harmonia universais. Alguns se perguntam, então: Como é possível que a realidade se apresente completamente diferente e que esta certeza interior se manifeste exteriormente como desarmonia, para muitos?

Esta questão traz com ela algumas outras: “Trata-se de que vida? Da vida cotidiana habitual, que sempre está mudando? Ou da vida que imaginamos, que esperamos ou com a qual sonhamos? O que a religião nos ensinou? O que esperamos para o futuro? Sem contar que a realidade de um é a irrealidade do outro!”

A SEPARAÇÃO ENTRE TEMPO E ETERNIDADE

No meio de todas estas confusões e contradições, o que a pessoa não vê e nem imagina vai penetrando pouco a pouco no ser interior e impõe seu direi-



to de existir. O que estes sinais têm a dizer ao homem moderno? Vai-se tornando evidente que estes sinais não são tão facilmente explicáveis, nem tão simples, como muitos predecessores, gurus ou astrólogos apresentaram, pois o tempo faz parte do mundo fechado em três dimensões, que está totalmente separado da eternidade, ou seja, da realidade do devir eterno.

O tempo tem suas próprias leis, mas

ele é principalmente penetrado e dirigido pela irradiação da Vida superior que nós chamamos de Eternidade.

É possível comparar o tempo tal como ele se apresenta ao homem terrestre com um grande relógio. Os dias de 24 horas parecem repetir-se sem cessar. E cada um deles tem uma manhã, um meio-dia, uma tarde e uma noite. O mesmo acontece com os dias de desenvolvimento cósmico e intercós-



“Melancholia”.
Em um microcosmo, tudo o que os valores humanos construíram cai na decadência quando a janela da consciência se abre para a luz. (Jacek Malczewski, 1894, museu Narodowne W. Poznaniu, Poznan, Polônia).

mico, que são períodos de tempo indizivelmente longos, mas estes períodos também têm um fim, como toda a vida que passa no tempo é ligada ao tempo e vai e vem com ele.

Interiormente, cada um sente que o fato de a vida “ter um fim” tem algo de irreal. Que sentido pode haver em uma vida tão passageira? Qual é o objetivo de uma vida humana no interior dos ciclos do tempo?

SAIR DAS DIMENSÕES DO TEMPO

Apesar de cada um interpretar de forma diferente o significado da vida, há grandes linhas que são evidentes: a vida é um caminho temporário ao longo do qual vivenciamos experiências necessárias; é um caminho que conduz ao reconhecimento da vida original e da senda que conduz a ela. Esta senda é o

caminho mostrado simbolicamente pela parábola do Filho Pródigo.

A fim de mostrar aos humanos a senda que fará com que eles escapem do declínio, os mensageiros da eternidade sempre se encarnaram para lhes expor a Doutrina Universal da verdade e da sabedoria, sob uma forma adaptada a cada época, e, para precedê-los rumo a este objetivo interior. A humanidade conhece estes enviados da eternidade. Entre outros, há: Krishna, Buda, Lao Tsé, Hermes Trismegisto, Zoroastro, Apolônio de Tiana e Jesus de Nazaré. Sua presença histórica provoca muitos pontos de interrogação, mas, estritamente falando, sua forma material não tem importância. Quando eles aparecem representam sempre “o caminho, a verdade, a vida”. Eles são “a eternidade que se manifesta no tempo”. Que traços materiais sobrou deles? No máximo escritos de seus discípulos contemporâneos, ou de época mais tardia, dos que viveram o glorioso caminho da ressurreição e que foram capazes de antegozar a eternidade no tempo.

Embora sendo muito simples em sua aparência exterior, eles eram libertos da forma material, de acordo com o seu ser interior. Assim, podiam testemunhar sua ligação com a Gnosis - a fonte original de toda a vida.

POR QUE ESTAMOS SEMPRE BUSCANDO?

Estas “faíscas de eternidade” surgem principalmente quando estão para se apresentar, do ponto de vista cósmico, grandes transformações e reviravoltas. Eles chegam no momento em que acontece uma guinada no tempo. Este nascimento da Luz nas trevas oferece cada vez mais novas e grandes possibilidades àqueles que vivem nesse dia de manifestação e devem descobrir, nesse dia, sua fonte interior. Depois de um grande número de séculos de preparação e de assimi-

lação, chega o tempo da realização.

É o que acontece atualmente, nos séculos XX e XXI da era cristã. É o homem interior, com a colaboração consciente do homem exterior, que pode chegar a compreender e a seguir “os sinais dos tempos”. Este homem interior é chamado e estimulado, sem cessar, e como resposta a este chamado, é possível que ele se desenvolva até tornar-se um homem-alma imortal. Este homem é aquele que é capaz de compreender os sinais da eternidade e de reagir da única forma justa e correta. É por isso que, nestas épocas tão agitadas, os seres humanos estão à procura dos mistérios da vida, os mistérios de Krishna, de Buda, de Hermes, de Cristo.

A vida de um número indizível de seres está, assim, impregnada pelos mistérios ativos de seu tempo. Assim eles chegam a uma curva do tempo e conseguem vencê-lo e escapar definitivamente dele.

Neste momento, é o mistério crístico que está em primeiro plano e que toca o buscador. Uma promessa grandiosa é feita a todos os que buscam verdadeiramente a libertação de suas almas. Para as instituições estabelecidas, trata-se de uma etapa histórica de contestação; para quem busca, trata-se de um mergulho em um grandioso mistério, no qual ele deve imergir e envolver-se; e para o homem comum, trata-se de um fenômeno misterioso, que pertence às brumas de um passado remoto.

Cristo, neste contexto, é o símbolo de um poderoso campo multidimensional de Luz e de Vida primordial. Este campo envolve e penetra as dimensões do tempo e do espaço. É um campo de força pura que se manifesta também como força destinada a todos os homens.

Esta força é “a Luz que brilha nas trevas” da existência humana para salvar o que está perdido. Cristo não é, portanto uma pessoa - e jamais o será.

Atualmente, a Força crística liga-se à alma, com a condição de que esta deixe para trás a vida temporária. A alma religada ao Espírito divino também leva o nome de “Jesus”.

Assim, as palavras de Paulo aos Coríntios, citada no início deste artigo, adquirem uma grande força:

“Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo.”
(Segunda Epístola aos Coríntios, 5:17)

Todos os que são buscadores sérios da única verdade compreenderam este “sinal dos tempos”. Eles perceberão a ocasião de satisfazer muito conscientemente as condições deste novo caminho de vida.

Por que os séculos XX e XXI são extremamente importantes? Não é por causa da passagem de um século para outro; não é pelo fato de pensarmos que estamos no final dos tempos. Longe disso! É porque, no vasto calendário intercósmico de um ano estelar, onde gira o relógio de nosso tempo terrestre, é chegado o tempo de mais uma grande colheita de almas, as almas daqueles que se preparam internamente. A eternidade desce nas dimensões do tempo em determinados momentos. Então, o campo de vida original penetra o campo de vida espaço-temporal. Cristo volta! É Aquário que derrama sua Água-viva sobre a humanidade.

É claro que esta abertura tem um grande significado para toda a humanidade. Mas a compreensão e o reconhecimento interiores estariam bastante desenvolvidos para que o homem se arrisque a dar o primeiro passo? Ou a humanidade estaria quase se perdendo, entregando-se a uma imitação de dimensões globais? É verdadeiramente um momento importante, uma guinada no tempo: surge uma senda que conduz para fora da dimensão do tempo!

Em nossa época, todos os que despertam interiormente recebem novas chances e novas possibilidades, e a região da Vida verdadeira se abre novamente diante dos seres sedentos de Eternidade.

“Cronos, o inimigo da arte”, Minerva e Imitatio tentam reter o Tempo (Jan de Bisschop, século XVII).



DOAÇÃO DE ÓRGÃOS: AMOR AO PRÓXIMO?

A vida do homem moderno, dominada pela tecnologia de ponta, é um dos inúmeros resultados da ciência materialista. Quase diariamente, ultrapassamos os limites das possibilidades técnicas com invenções que parecem oferecer perspectivas cada vez melhores.

Faz muito tempo que o “Homo Sapiens” (“o homem sábio”) deu lugar ao “Homo Ludens” (“o homem que brinca”). Impulsionado pela loucura das experiências, ele já não se questiona mais sobre o significado de seus atos. Esta situação repercute em quase todos os aspectos da sociedade, principalmente nos países que possuem um nível de vida elevado, o que provocou, entre outras conseqüências, a sociedade de consumo: é possível fabricar ou substituir quase tudo por algo mais novo, melhor, mais bonito. Os entrepostos estão cheios de peças de substituição e a demanda só aumenta. O homem materialista tem fome de poder e de perfeição. É verdade que ele chegou muito longe, e é compreensível que esteja orgulhoso de sua condição de quase todo-poderoso.

Em Medicina, o progresso está, principalmente, no aperfeiçoamento das técnicas operatórias de restauração e de transplante. Se for o caso de extirpar órgãos defeituosos, os médicos preferem órgãos de doadores com boa saúde a transplantar órgãos artificiais. O que pode haver de mais lógico, então, do que formar um banco de órgãos humanos conservados vivos para substituir rapidamente os “velhos” pelos “novos”?

É a “reciclagem ecológica” sob nova etiqueta: o amor ao próximo.

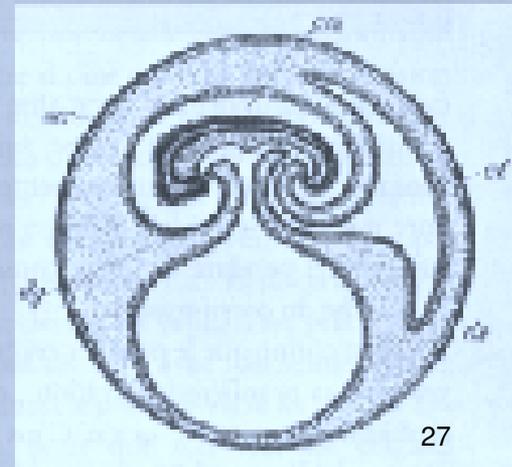
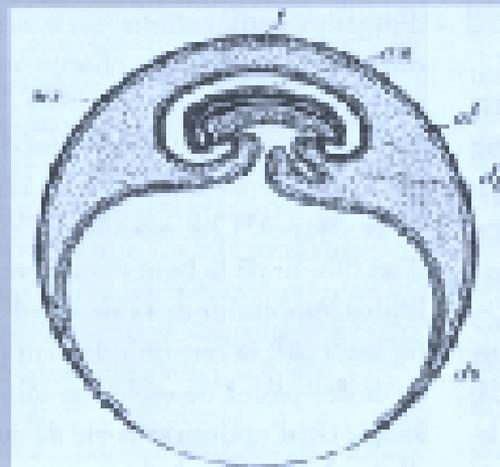
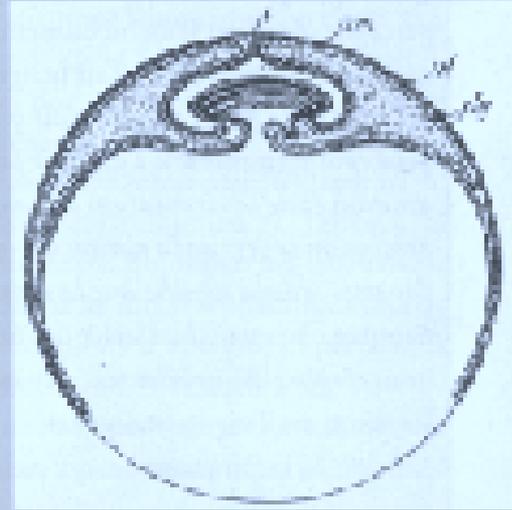
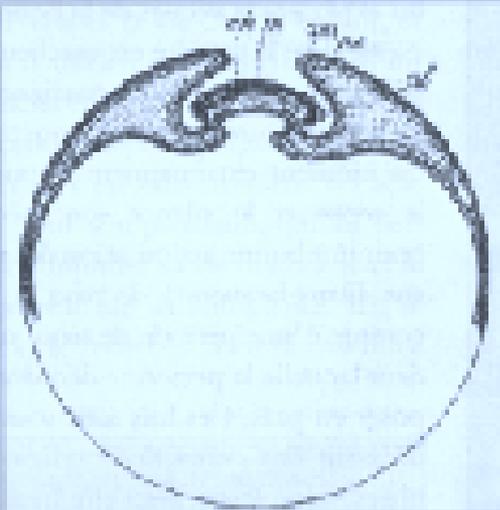
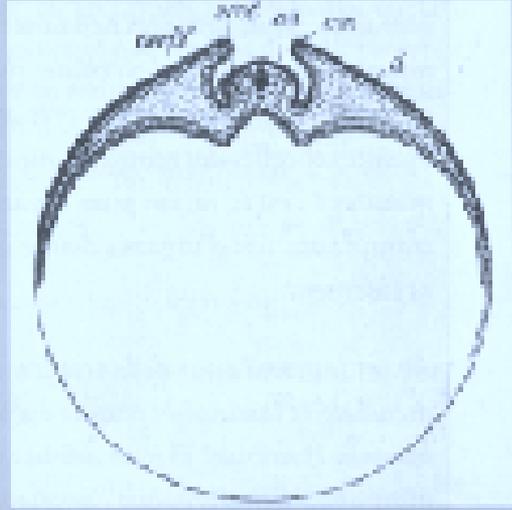
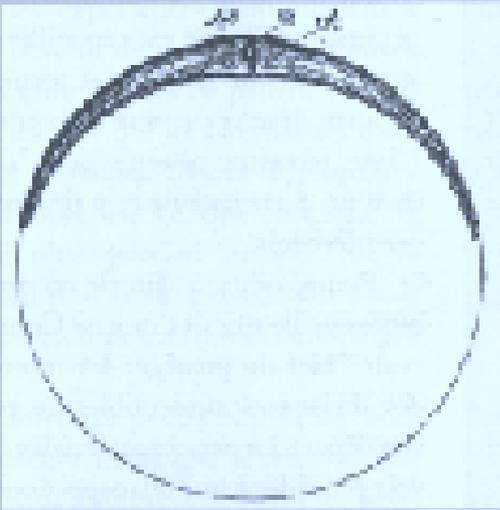
A proveniência destas peças de substituição biológicas não é um problema para a alta tecnologia atual. Em nossos dias há um aparelho que registra os impulsos elétricos do cérebro e que indica o limite entre a vida e a morte. Quando não há mais impulsos, o paciente está morto; morto clinicamente!

Quando o eletroencefalograma mostra uma linha horizontal, o médico já tem o direito de abrir o corpo inconsciente, mesmo que o coração esteja batendo, com autonomia. Assim como os alimentos, é preciso que os órgãos retirados sejam rapidamente congelados em uma temperatura bem baixa, a fim de estarem disponíveis para um transplante, a qualquer momento. Para fazer isto, o sangue quente é retirado e substituído por uma solução de cloreto de sódio a uma temperatura de 4º C. A ele são adicionados elementos nutritivos e conservantes.

O coração, que já não bate com autonomia, fica ligado a aparelhos que asseguram a irrigação dos órgãos pelo sangue artificial. Depois, todos os órgãos próprios para transplante são retirados, preparados, congelados e acondicionados; ou então são diretamente transplantados.

Como o homem já está reduzido a tal estado de um simples reservatório de órgãos, a prolongação da vida é uma simples questão de organização. A ética e a compreensão da finalidade da vida nada têm a ver com isto. Será que esquecemos que possuímos um corpo, mas que não somos este corpo? A consciência habita um corpo até as por-

Formação de órgãos. H. C. von Pander (1794-1865) e R. Remak (1815-1865) representaram o desenvolvimento esquemático do ser. O “cotiledônio”, o primeiro envoltório, constitui a proteção do corpo. Dentro dele, se desenvolvem os sentidos e os órgãos, conforme um plano específico. Vom Urtier zum Menschen, Konrad Günther, Stuttgart, 1909.



Depois da morte biológica, as células cerebrais continuam vivas durante cinco minutos ou mais; as células do coração continuam em ação cerca de quinze minutos e as dos rins quase trinta minutos. Esta é a razão pela qual o transplante de órgãos deve ser feito rapidamente. Antes do grande impulso da ciência médica e seu interesse pelo corpo humano e animal, admitia-se que a morte acontecia antes que a alma tivesse deixado o corpo. Como a alma não é perceptível pelos sentidos, admitia-se que o último “alento” era o sinal definitivo do fim. Deduzia-se assim que uma pessoa estava morta quando parasse de respirar e quando seu sangue parasse de circular. Atualmente, usa-se o conceito de “coma ultrapassado”, o que significa que a morte clínica corresponde ao término das funções cerebrais superiores. Neste estágio, as funções “vegetativas”, por exemplo a respiração, ainda não estão interrompidas.

tas da morte; em seguida, ela se retira para se preparar para uma próxima evolução. A morte é, portanto, uma fase transitória que prepara a etapa seguinte. Morrer não é, portanto, um acontecimento que dura alguns segundos, mas um processo gradual durante o qual a

consciência se desliga do corpo material.

Sabe-se que o primeiro grito do recém-nascido, sua primeira inspiração, é determinante para toda a sua vida. O mesmo acontece com o último alento, que é, na realidade, o primeiro de um novo começo. A quintessência das experiências de vida é recolhida durante o processo da morte, e forma a base do futuro desenvolvimento da consciência. A alma terrestre penetra, por assim dizer, em um outro mundo e aí respira pela primeira vez.

Por que em tantas culturas diferentes os mortos são velados? Esta vigília tem a finalidade de proteger os mortos contra as influências que possam perturbar sua partida. A pessoa morta deve poder proceder a uma retrospectiva de sua vida, em completa calma, a fim de registrar as experiências vividas, da melhor forma. A vida na matéria é um caminho de experiências e de tomada de consciência.

Deste ponto de vista, a morte é, portanto, um momento extremamente importante em que o repouso e o silêncio são necessários para uma boa assimilação deste processo. Em muitos países, a lei reserva três dias, durante os quais a pessoa morta deve repousar em paz. Estas leis geralmente estão baseadas em convicções religiosas esquecidas, segundo as quais o ser humano não é considerado apenas como um depósito de órgãos, mas como um conjunto de diferentes corpos, cada um com sua função específica.

Depois de tomar consciência do que foi dito, quem ousaria aborrecer seu próximo em sua última etapa? Quem gostaria de impedir que se cumprisse, da

melhor forma, a tarefa mais importante de sua vida, a fim de recolher os frutos - e isto unicamente para obter peças de substituição, a fim de prolongar ou otimizar a vida de qualquer outra pessoa? Quem gostaria de se submeter ou submeter outra pessoa à dupla dor de morrer fisicamente antes da hora? O estudo das experiências pós-morte permitiu obter inúmeras provas, graças aos testemunhos de pacientes "clínicamente mortos" que voltaram ao seu corpo físico. Ora, estes testemunhos são unânimes no que diz respeito à fase de retrospectiva às portas da morte. Segundo eles, a vida aparecia em sua consciência como um filme que se desenrolava ao contrário.

Novos problemas e novos aspectos acompanham um novo período. Tudo ao contrário. Assim, um pai, por exemplo, pode querer dar um rim para salvar a vida de seu filho, e evitar que ele dependa de um rim artificial e que sua cons-

O transplante de órgãos animais geneticamente modificados para uso em humanos está passando por um grande impulso. "Em princípio, estamos de acordo com o xenotransplante", declarou a Organização Mundial da Saúde. A técnica ainda não está apurada, mas está se desenvolvendo de forma extremamente rápida. A biotecnologia industrial logo estará pronta para produzir órgãos "humanos" a partir de animais geneticamente manipulados.

ciência suporte repetidas intoxicações. Neste caso, a doação de órgãos é efetivamente um ato de amor ao seu próximo, que lhe permitiria continuar sua vida material e o desenvolvimento de sua consciência. Neste caso, o doador e o receptor carregaram juntos, conscientemente, a responsabilidade deste ato e tomaram esta decisão de comum acordo. Como a tecnologia médica e a farmacologia tornaram possível realizar estas intervenções, estas aquisições podem ser utilizadas positivamente, sem que a morte de qualquer pessoa seja necessária.

LIVRE ARBITRÍO DO INTERESSADO

Todos os acontecimentos provocados pelo espírito de nosso tempo, e portanto pela consciência coletiva, oferecem dois ou vários aspectos. Sempre é importante saber se a decisão tomada serve verdadeiramente o indivíduo, e portanto a humanidade, ou se ela se choca contra um processo de desenvolvimento positivo. Cada um deve saber a possibilidade de tomar para si a responsabilidade da decisão correta, baseando-se em sua consciência (aqui, estamos falando da consciência interior). Quando o ser que tem que fazer esta escolha ouve e segue a voz interior, que recebe seus impulsos da mais elevada Idéia, este ser conseguirá tomar a decisão correta. As tentativas do sistema imunitário para rejeitar o órgão estranho terminarão e o novo órgão será aceito.

Quem aspira a um dever consciente da alma imortal em sua personalidade terrestre dá uma dimensão completa-

mente diferente ao mistério da vida e da morte. Sua finalidade já não é imortalizar seu eu, mas tentar trocar a antiga natureza mortal por sua alma verdadeira e superior, prisioneira do eu até aquele momento. Com esta finalidade diante de seus olhos, ele estará pronto a sacrificar todas as suas ligações com a antiga natureza, e também com o desejo de viver na dependência dos outros, para que seu verdadeiro ser original possa despertar para a vida. Para um ser humano, este caminho leva à unificação com a idéia mais elevada dentro dele, que se torna também sua única realidade. Sobre esta base, ele pode legitimamente controlar este processo, garantindo que sua decisão seja segura e que ela não seja influenciada por ninguém.

Qualquer pessoa que descobriu o sentido da vida não se agarra à morada passageira da matéria transitória, mas

“...Quase nove anos depois do acidente mortal de minha filha de doze anos, o que eu lamento mais é tê-la deixado sozinha no hospital. Eu deveria estar presente em toda esta última etapa, quando as máquinas foram desligadas. Eu deveria tê-la protegido. Nunca mais vou ter paz por causa disto. Agora, penso que ela não sentiu nada, mas sua alma ainda estava lá. Ela deve ter percebido alguma coisa, sem compreender o que se passava com ela.”

(Texto extraído da seção de cartas do jornal De nieuwe Rotterdamse Courant, Holanda, de 4 de abril de 1998).

“A melhora da saúde de um grupo de pessoas relativamente pequeno necessita da doação de uma grande quantidade de órgãos. Entenda-se bem: não se trata de fazer com que seres humanos morram por esta razão, mas a morte de um certo grupo de seres humanos torna-se interessante. Sem dúvida, as pessoas idosas. As discussões sobre a eutanásia deram a este fato um rumo que chega a ser cínico.”

(Texto extraído da seção de cartas do jornal De Volkskrant, Holanda, 18 de abril de 1998)

busca a realidade da Vida imortal. O que importa já não é o número de anos da personalidade, mas a soma da consciência que estes anos já adicionaram a seu valor.

O verdadeiro significado do amor ao próximo não é, portanto, doar seus órgãos para aliviar um ser doente em um certo tempo, mas fazer o sacrifício consciente de seu eu, que é a causa de toda esta miséria. Assim a alma do outro - que também é um filho perdido ligado à matéria - poderá despertar e crescer para tornar-se um verdadeiro Filho de Deus.

ENXERTOS DE ÓRGÃOS

Algumas considerações a respeito do assunto

Apesar de, para muitos, a vida na terra não ser cor-de-rosa, alguns querem prolongá-la, pois a ciência médica está de tal forma avançada que pode restaurar e reviver um corpo gasto e decrépito!

A substituição de órgãos vivos é um problema que tem inúmeros aspectos. Quem quer que conheça a angústia de todos estes pacientes que só podem ter sua vida prolongada pelo empréstimo de um órgão, pensa que é preciso dispor de uma reserva de órgãos. Pode-se manter esta opinião por motivos humanitários: a humanidade acha desumano que um homem com boa saúde não coopere com a cura de um doente graças a seus órgãos. Muitos homens de negócio estão vendo nisto uma vantagem. Acontece que pessoas pobres dispõem de seus filhos, ou crianças e adultos que de nada desconfiam estão sendo privados de algum órgão.

Em diferentes países, devemos nos defender contra este roubo generalizado. Por exemplo, quando um acidentado na estrada entra no hospital, determina-se quais os órgãos que ainda estão eventualmente em bom estado para servir a alguém, se ele vier a morrer. Estas doações são conservadas em um banco de órgãos onde também são registradas as doações de doadores voluntários.

O que anima o homem dialético a ponto de, quase a qualquer preço, querer se manter no cenário terrestre? Ele não encontra aqui mais do que uma felicidade passageira, muito curta, enquanto deverá continuar a lutar contra a doença, o declínio e a morte. Será que o homem dialético procura prolongar sua vida unicamente

por medo? Por instinto de conservação? Será porque conhece uma existência mortal e recusa uma “vida eterna”? Pode-se perguntar: quem está procurando prolongar a vida? Será o próprio paciente? Ou serão os médicos que querem mantê-lo com vida... muitas vezes somente para testar nele outros métodos?

QUEM DECIDE SOBRE O TRANSPLANTE DE ÓRGÃOS?

Como a demanda de órgãos sadios está aumentando muito, os debates sobre uma “regulamentação legal” da questão vão acontecendo em diferentes

Em março de 1998, na Holanda, todos os habitantes receberam um formulário para registrar o número de órgãos dos quais as instituições poderiam dispor. Neste formulário, era preciso marcar se os órgãos poderiam ser retirados ou não. Em caso afirmativo, era preciso indicar quem deveria decidir isto depois da morte. Calcula-se que cerca de 60% dos 12,2 milhões de holandeses aceitaram. O registro de doações de órgãos na Holanda provocou muita agitação. Por exemplo: o Ministro da Saúde explicou que nem todos os órgãos seriam aceitos, pois é preciso evitar a expansão de doenças como a Aids. Felizmente, todos os que puderam refletir a respeito, lendo estas publicações, puderam mudar de opinião.



países. Assim, a lei da República Federal alemã autoriza os parentes próximos ou o cônjuge a tomar a decisão, a menos que haja uma ação formal de recusa por parte do paciente.

QUAIS SÃO OS EFEITOS DOS ENXERTOS NO RECEPTOR?

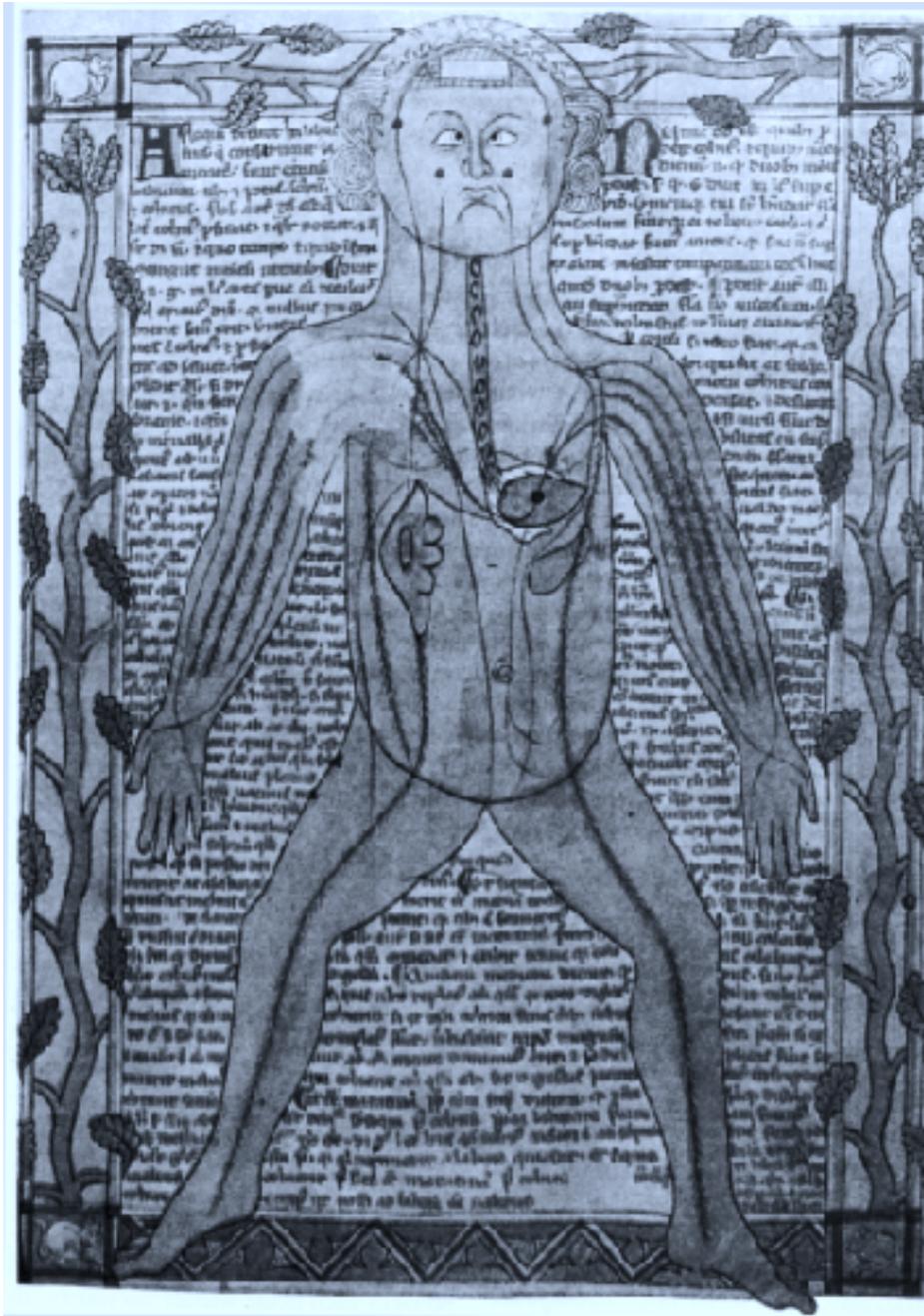
Todos os que receberam um órgão de outra pessoa passam por transformações profundas, não tanto no corpo físico como nos corpos sutis. Em Los Angeles, uma galinha que recebeu um enxerto de cérebro de codorniz começou a gritar como uma codorniz. Depois de um transplante de coração, um não-fumante pôs-se rapidamente a fumar. Em seu livro *The Hearts Code* ("O Código do Coração" - Broadway Books, 1998), Paul Pearsall diz que de 73 casos de transplante de coração examinados, uma parte da personalidade dos doadores parece ter sido "enxertada" junto, influenciando em seus receptores. Um certo número deles se sentia estranho ao seu próprio corpo e teve bastante dificuldade em retomar sua própria identidade. Se pensarmos que o coração coincide com o princípio central do microcosmo, não é de se espantar que aí tenhamos um

problema. Quem recebe o coração de uma outra pessoa começa a viver imediatamente com as forças que agiam no coração do doador. Esta espécie de invasão nem sempre dá satisfação. Pearsall cita o caso de um vegetariano que começou a comer carne com muita vontade. Uma pessoa que esteja voltada para o lado espiritual da vida, pode perguntar-se, portanto, com todo o direito, até que ponto este tipo de influência poderia bloquear seu processo de desenvolvimento.

O ÓRGÃO ENXERTADO: UM CORPO ESTRANHO

Os órgãos enxertados são corpos estranhos introduzidos no organismo do receptor. Pode haver uma reação de rejeição. Naturalmente a troca supõe pesquisas que indicam, por exemplo, se o grupo sanguíneo não agiria negativamente; e os produtos químicos que irão neutralizar mais ou menos o fenômeno da rejeição. O ataque do corpo custa a ser reconhecido e prevenido. O feto também é um corpo estranho em relação ao corpo da mãe, mas o sistema hormonal desta vai-se adaptando pouco a pouco ao pequeno estranho, durante nove meses. Ele vai mudando e, em consequência disto, as secreções vão acontecendo, até o nascimento da criança. Sabe-se que certas mães sentem que estão engordando como se fosse "a invasão de um corpo estranho" dentro delas. Logo após o nascimento, o estado que antecedia a concepção se restabelece. Da mesma forma acontecem processos semelhantes quando há transplante de órgãos. O corpo aceita ou não. Meios artificiais prolongam tanto o período de aceitação que o corpo começa a deixar de rejeitá-los. Neste estágio, há uma rejeição ou tentativa de neutralização dos aspectos materiais, etéricos, astrais do órgão transplantado.

Platão diz em *Fédon*: "Os homens que aspiram à sabedoria e à iluminação devem praticar o exercício da morte" O



Possível substituição de órgãos no corpo humano, segundo Galeno. Livro inglês de medicina o século XIII (Bodleian Library, Oxford).

buscador aprende a reconhecer e a sondar todos os pensamentos, as palavras e as ações que visam à conservação do eu. Ele percebe que todas estas manifestações da antiga vida querem sufocar a nova vida. Se, apesar de tudo isto, o buscador teima em se agarrar a seus hábitos, ele acaba sofrendo cristalização, que é a doença da morte. A este respeito, diz Jacob Boehme: “Aprende a morrer antes de morrer:

assim, saberás morrer, morrendo.” A morte física já não parece tão ameaçadora, pois se dá mais importância à alma imortal, que está florescendo. E aqueles que ouvem estas palavras não querem mais prolongar sua vida a qualquer preço. Eles compreendem que a vida terrestre não tem um grande valor. Um axioma rosa-cruz do século XVII afirma que : “não é preciso desejar viver por mais tempo do que Deus o quer”.

DIVISÃO, ELEVAÇÃO, OU RENOVAÇÃO DA CONSCIÊNCIA?

Todos os seres que têm uma aspiração esotérica e mística estão de acordo quanto a um ponto importante: eles estão buscando uma libertação estrutural e espiritual! Todos eles estão buscando a mesma coisa, por mais que seus métodos sejam diferentes e até contrários.

Desde o começo da vida humana na terra a humanidade é levada por este impulso secular. A busca da liberdade espiritual é o princípio fundamental de toda e qualquer pesquisa. Ressurreição, renascimento, conversão, iluminação, libertação ou iniciação, a forma como é chamado o objetivo desejado não faz diferença. A única fonte pesquisada une todas as almas na mesma tarefa. Todos estão buscando a luz, a liberdade absoluta, o Deus único, a Sabedoria, a Força e a Beleza com os quais o Criador haverá de alimentar suas almas. Mas eles não estão buscando no mesmo lugar e nem todos os resultados têm o mesmo valor para eles. Entretanto, a fonte em que estão bebendo é a mesma para todos.

Este fato testemunha que ninguém, lá no fundo de seu ser, está satisfeito com este mundo, com sua boa ou má sorte, seu bem e seu mal, seus prazeres excessivos e suas noites escuras de melancolia. O desejo de liberdade está em toda a parte e em todos. Ao longo dos séculos, homens piedosos se ajoelharam e juntaram as mãos para implorar, ou forçar, as bênçãos de Deus. Sempre houve rebeldes e submissos. Os templos e as igrejas se enchiam com grandes multidões. Alguns se retiraram

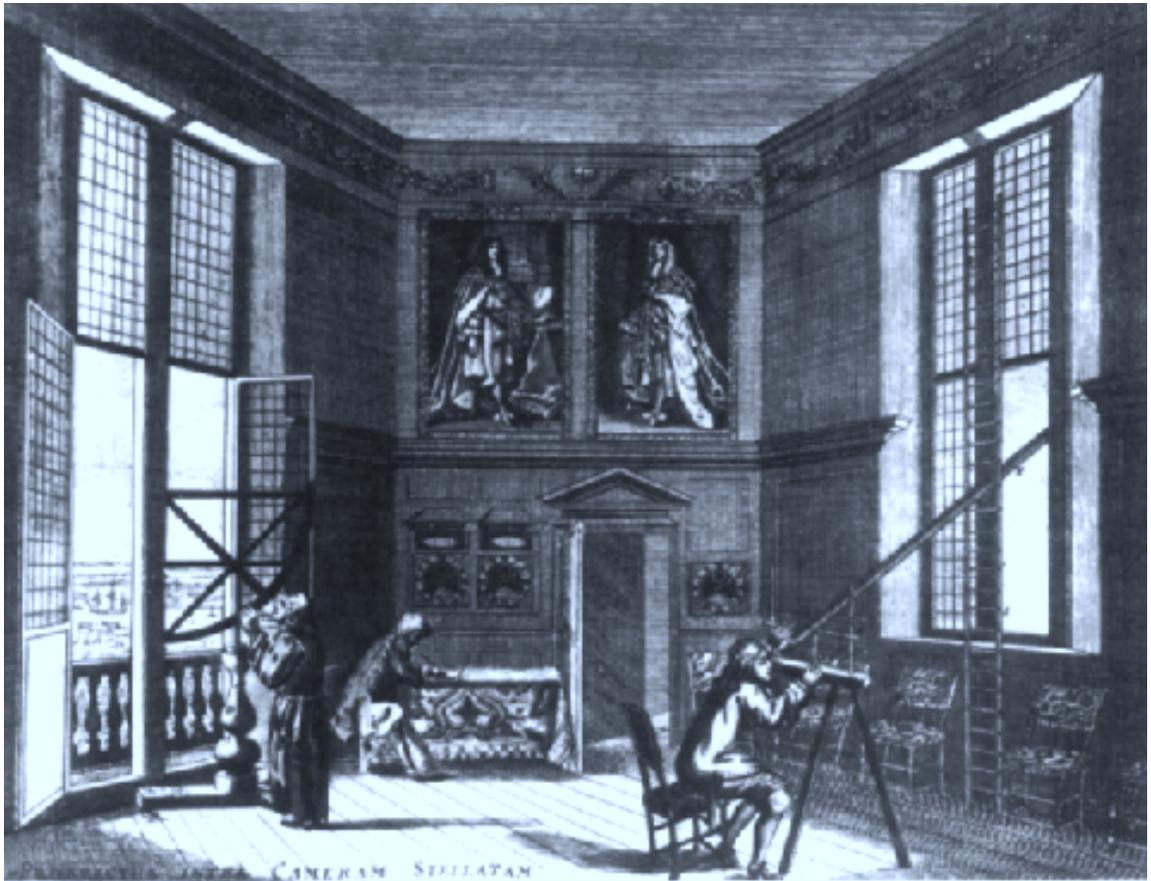
na solidão, mas todos estavam possuídos por um único desejo: elevar suas almas até o Pai de todas as coisas.

Às vezes, dizemos para nós mesmos: “Não tenho mais vontade, pois já encontrei o que queria. Já atingi a meta de minha vida. Sou iluminado, convertido, iniciado. Encontrei Cristo e ele me abriu os olhos.” A maioria dos cristãos, entretanto, começa a duvidar deste tipo de sucesso. Eles percebem que sua realização e sua certeza parecem ser apenas uma ilusão; que sua fome devoradora, que seu ardente desejo poderia muito bem ser dissimulado, mas não apagado.

ONDE ESTÃO OS CONQUISTADORES DO MUNDO?

Assim aconteceu ao longo dos séculos, e assim acontece em nossos dias. Krishna veio à terra para oferecer o amor divino ao gênero humano, sem dúvida. Muitos se esforçaram por estabelecer uma ligação com o filho de Govinda, mas isto também confirmou ser uma ilusão. Há a lenda de Hércules, o herói cheio de força que combatia para sustentar os homens degenerados. Mas os gritos daqueles que achavam que podiam partilhar com ele sua força logo se calaram quando eles se encontraram diante das realidades da vida. O que sobrou deste tipo de herói? Nada além de um filme caricaturesco.

E onde estão as escolas superpovoadas de Pitágoras? Onde estão todos aqueles que partiram para conquistar o mundo? O vento varreu sua glória e seu prestígio e somente resta de todos eles



uma estátua carcomida pelas chuvas ácidas e toda imunda de sujeira de passarinho e grafites.

A REALIDADE É DURA E NÃO DÁ TESTEMUNHO DE NENHUM PROGRESSO VERDADEIRO

A dura realidade é que a humanidade ainda não ultrapassou seu desejo secular de luz e inúmeras experiências a estão conduzindo cada vez mais longe de sua origem. Quem consegue captar um pouco da Luz não acredita que possa chegar até ela tão rapidamente. A Luz não se aprende, não se discute, e nem se transmite, às migalhas, aos pedaços. A Luz das Luzes é Amor. Ela é a grande, pura e gloriosa força que vai ressuscitar a humanidade do túmulo que ela própria cavou. É por isso que o iniciado não é tagarela! Ele vem, oferece seu amor e, quando fala, é a palavra

de amor. Mas geralmente ela é sentida como um anátema, como um golpe de espada no coração!

Quem conhece a Luz, não se mantém em um pedestal, mas está buscando com os buscadores e está batendo na porta da imortalidade, juntamente com todos os que estão batendo nesta porta. Este é o método que todos os grandes empregaram. Eles desceram para acompanhar todos aqueles que buscavam. Eles irradiaram silenciosamente sua força de amor nas sombrias regiões da vida.

Eles estabeleceram campos de trabalho para guiar e sustentar seus alunos. Estes campos de trabalho, estes templos, sempre existiram a serviço dos buscadores, para sua iniciação.

Há três tipos de buscadores: conformistas, esotéricos e livres pensadores. Os conformistas acentuam a doutrina e a profissão de fé. Os livres pensadores dão importância ao comportamento, e o

Mapa do céu estrelado. Observatório de Greenwich, 1725 (The Royal Observatory in Flamsteed's Time Ets. Science Museum, Londres).

buscador esotérico aspira a encontrar uma solução racional para todos os seus problemas.

Assim, o conformista escolhe a doutrina e a crença como base de sua busca. Isto é muito pressagioso, desde que esta doutrina e esta crença sejam incontestavelmente verdadeiras e não sejam misturadas a algumas especulações.

O livre pensador determina seu caminho pelo comportamento, que deve ser libertador; mas a qual comportamento ele estaria se referindo? Quais são as bases e os princípios deste comportamento? Há milhares de anos a humanidade vem experimentando todos os sistemas de livre-pensar, baseados no humanismo.

Enfim, há o buscador esotérico. Seu domínio é um pouco mais difícil de ser totalmente analisado, pois há aí um jogo de forças que muitos ainda desconhecem. Antigamente, o buscador esotérico tentava sair de seu corpo dividindo uma parte de sua personalidade. Seguindo o caminho ocultista, ele aprendia a distinguir a parte sutil da parte material mais densa de sua personalidade, para poder partir em busca da fonte de Luz com seu Eu superior. Entretanto, desta forma ele não conseguia chegar a sua meta, para onde se voltava o desejo secular de seu coração. A região sutil onde se desenvolve esta busca (a esfera refletora) é o reflexo da região material inerte. Quem não encontra aqui embaixo a Luz eterna imutável não a encontrará também na esfera refletora.

Mas esta busca esotérica era sedutora. Com efeito, a consciência permanece nos domínios onde reinam leis desconhecidas extraordinárias, diferentes

das leis da vida comum na matéria densa.

Muitos buscadores esotéricos, percebendo que isto é uma mistificação, escolhem um caminho próximo da senda mística. Como a divisão de sua personalidade não traz nenhuma verdadeira satisfação, eles se voltam para a cultura da personalidade, e tentam, por este método, obter uma sensibilidade à Luz por meio da ciência oculta. A divisão da personalidade diz respeito à iniciação fora do corpo, enquanto que a elevação ou cultura da personalidade diz respeito à iniciação no corpo.

A Rosacruz Áurea atual mostra uma outra senda: a senda que começa pela mudança fundamental do ser humano. Portanto, não há divisão nem cultura de personalidade. Há uma base de vida totalmente nova para uma partida absolutamente nova. Muitos tentaram de tudo, mas seu desejo não é saciado, e sua fome de Luz, seu nervosismo, sua inquietude permanecem... Eles não conseguiram dar nenhum passo.

O DESEJO VOLTADO PARA UM OBJETIVO COMPLETAMENTE DIFERENTE

Nossa proposta é não deixarmos que nosso desejo lancinante se volte nem sequer por um momento para todas estas imagens e representações contempladas até hoje. Mas também não devemos desviar-nos delas: esta não é uma boa reação. Não devemos deslocar nosso interesse, nem decidirmo-nos pró ou contra, mas sim conservar-nos calmos. Apaziguemos este desejo em nós: não devemos reagir contra ele, nem

sufocá-lo, mas fazer com que nossa atenção continue desperta e vigilante, sem aprovação nem desaprovção.

Se persistirmos algum tempo assim, nosso poder inato de exame crítico irá se apaziguar e se libertar dos modos de pensar adquiridos e dos impulsos do sangue. A Luz poderá, então, nos tocar sem que a rejeitemos imediatamente ou que nossos pensamentos se apaguem. Ela corresponde à dinâmica de nosso desejo. Não se trata de uma experiência. Não devemos dizer para nós mesmos: “Bem que eu posso tentar uma vez, pois quem não arrisca não petisca!” Se conheceis verdadeiramente este desejo lancinante de liberdade interior, esta ocasião é, para vós, uma abertura. Esta disposição fundamental frente à vida dá abertura e espaço necessários para apreendermos um pouco da Doutrina Universal.

DESAPARECIMENTO DOS ANTIGOS MÉTODOS

Neste caso, é evidente que a iniciação é um processo de renascimento, e que este renascimento não é o resultado de uma conversão em nosso leito de morte!

Quando esta compreensão for experimentada como realidade vivente, os antigos métodos desaparecerão para dar lugar ao processo em que a alma imortal se liberta de seu casulo pelo renascimento estrutural da água e do Espírito. Então, uma personalidade quádrupla completamente nova vai-se constituindo a partir da substância original de nosso cosmo planetário.



Esta é a revelação da salvação crística para nosso tempo. Esta senda está aberta a todos aqueles que estão prontos para uma reviravolta total. Se seguís ou não a senda da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea, isto tem pouca importância. Neste caminho, todos deverão de se encontrar como irmãos e irmãs da nova Fraternidade mundial universal.

“Homunculus,
um homem
fabricado”
(Museu
Schweizerische
Pharmaziehisto-
rische, Basileia).



SERÁ QUE NÃO EXISTE NENHUMA VIDA APÓS A MORTE?

Um grande número de pessoas crê em uma sobrevivência após a morte. O modo que imaginam isto depende de seu meio cultural e religioso. Examinando esta crença de perto, vemos que ela vem da esperança de continuar a existir depois da morte - mas estas pessoas não têm nenhuma certeza a respeito disto.

Muitos povos, cada um em sua língua, falam de “outro mundo”, do “além”, de uma região onde ficam os mortos, de uma região que é separada do mundo dos vivos por um véu e ao qual o ser humano não tem normalmente acesso por meio dos sentidos. Apesar de nossas faculdades sensoriais não darem nenhuma prova da existência desta região, o eu mostra uma tendência muito pronunciada para se manter tanto no além como aqui. Seu medo do nada é tão grande que ele cede facilmente à esperança de uma vida eterna.

Para aqueles que somente acreditam nas coisas visíveis, palpáveis, que podem ser tocadas e medidas, a vida, evidentemente, se acaba com o último suspiro. As ciências modernas, muito materialistas, estudam o corpo e suas funções nos mínimos detalhes, mas fazendo isto, elas estão correndo o risco de somente ver na vida a manifestação de processos bioquímicos. Embora a Física já tenha estabelecido a natureza ao mesmo tempo corpuscular e ondulatória da luz, ainda continuamos a pensar como se não houvesse nenhum fluido de ligação entre a matéria e a energia.

Em nossos dias há vários casos de

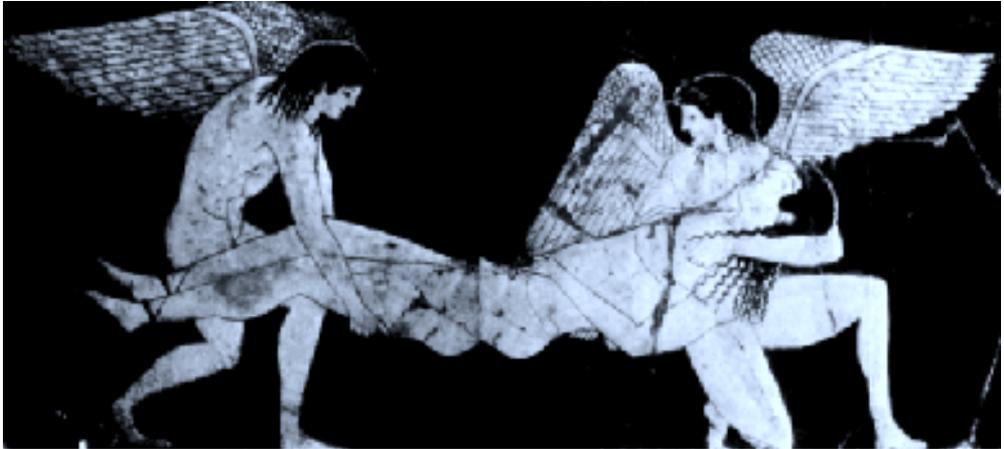
descrições feitas por pessoas mortas clinicamente e que viram seu próprio corpo a distância. Mas é impossível convencer os cétricos: de acordo com eles, estas pessoas não estavam verdadeiramente mortas e os cuidados intensivos ou o local do acidente que elas viram era proveniente, sem dúvida, de sua consciência comum.

A PESQUISA OBJETIVA CONFIRMA A EXPERIÊNCIA

Os cientistas reuniram e registraram fases das experiências feitas fora do corpo. Assim, sabemos que as pessoas que estão morrendo geralmente têm a sensação de ser atraídas para um túnel longo e escuro, em direção a uma luz ofuscante. O pintor holandês Jerônimo Bosch (1450-1516) traduziu esta impressão em um quadro intitulado Túnel de Luz. As pessoas que estão morrendo se sentem rodeadas de seres cheios de amor e revêem trechos de sua existência, em sentido contrário. A consciência e a noção de espaço mudam completamente. Elas percebem todas as coisas, os acontecimentos de suas vidas e o laço estreito que os une.

Estas descrições impressionantes mostram bem onde se situa a fronteira da morte, mas ainda não trazem nenhuma resposta para a questão de saber se existe uma “vida” após a morte e como ela é. Para responder a estas interrogações, iremos um pouco mais longe, deixando de lado todos os preconceitos, o que não é tão difícil. Conhecemos os limites de nossas percepções: nossos olhos, por exemplo não vêem os raios

A subida para a luz, detalhe de um tríptico de Jerônimo Bosch (1450-1516), Palácio dos Doges.



infravermelhos nem os ultravioletas, mas sabemos que eles existem. Da mesma forma, não vemos a corrente elétrica, e, no entanto, a sociedade moderna está inteiramente baseada em sua existência e em seu funcionamento.

E agora, que diferença existe entre o momento em que uma pessoa ainda tem alguns instantes de vida e o momento em que ela acaba de morrer? Seu corpo físico visível e tangível está no mesmo estado antes e depois da morte. O que desapareceu foi a força, a energia vital que animava esse corpo. Em resumo: o motorista invisível do veículo corporal desceu do carro!

Estes dados permitem-nos concluir que o homem não é somente seu corpo físico, seu corpo visível, mas que ele é constituído também por corpos sutis, que, juntos, formam seu ser. Para obter uma certeza científica, é preciso estudar a constituição da personalidade à luz da Doutrina Universal. Ela é a fonte invisível onde todas as Escolas iniciáticas sérias de todos os tempos beberam seu conhecimento. A Escola Espiritual da Rosacruz Áurea também se baseia na Doutrina Universal para dirigir-se aos pesquisadores dos séculos XX e XXI, que estão buscando provas científicas para seu último destino.

No Evangelho de João é dito que “a luz brilha nas trevas, mas as trevas não a receberam” (João, 1:5). A Gnosis é a fonte desta Luz, e como diz o Evangelho, o homem que vive nas tre-

vas não pode receber esta Luz. Ele vive na incerteza, na angústia, na preocupação e na submissão à morte, por falta do Conhecimento Universal. É isto que, sob uma outra forma, está escrito no templo dos mistérios de Apolo, em Delfos: “Gnothi seauton” (Homem, conhece-te a ti mesmo).

O SER HUMANO É DUPLO

Em todas as civilizações houve Escolas iniciáticas para estender ao buscador a chave que permite o acesso a este conhecimento. Elas revelam que o ser humano é duplo: há dentro dele uma parte mortal e um núcleo, ou princípio, imortal. Goethe assim expressou esta idéia: “Duas almas vivem no mesmo peito”.

A parte imortal se chama microcosmo. É uma imagem do macrocosmo proveniente da Vontade divina. Como é proveniente do Espírito Santo, é imortal e invisível aos olhos físicos. Em sua perfeição original, esta criatura feita à imagem do Pai seguiu o caminho do “Filho Pródigo”, como conta a Bíblia. Por sua própria vontade, o Filho Pródigo deixou a casa de seu Pai e empregou sua força criadora para dar forma ao mundo do bem e do mal. Ele deixou o mundo da Luz e perdeu sua forma original. Um substituto desta forma desceu no mundo bipolar, este mundo dualista dos

Tânatos e Hypnos. Morte e sono ajudam a passar da vida terrestre para o além. (Túmulo, Paestum, Itália).

contrários, até o estrato mais denso da matéria cristalizada. Ao longo desta viagem, ele recebeu a possibilidade de orientar-se nas diversas regiões que encontrou, onde os sentidos foram se desenvolvendo para guiar sua forma material.

Neste caminho, o Filho Pródigo, o microcosmo privado de seu habitante original, recebeu a ajuda necessária para construir uma personalidade terrestre para ligar-se a ela. Este homem é o homem de hoje, dotado de uma vontade própria e de auto-consciência. Talvez seja bom examinar este processo. O puro Espírito divino e a matéria grosseira não podem se fundir, pois a diferença vibratória é muito grande. Então, há a necessidade de um elemento intermediário capaz, por um lado, de ligar-se à personalidade, e, por outro, de ser receptivo aos impulsos do Espírito divino. Este elemento intermediário é a alma.

A ALMA VIVENCIA O SOFRIMENTO E A ALEGRIA

Esta alma tem todos os elementos da personalidade reunidos: pelo corpo sensível ou corpo etérico, ela recebe as impressões do corpo físico; pelo corpo astral ou corpo psíquico, ela vivencia os sofrimentos e as alegrias; e pelo corpo mental ela conserva as experiências registradas pela compreensão. Ela dispõe, além disso, da intuição, que é uma faculdade que ultrapassa os poderes da personalidade.

A intuição permite à personalidade captar os impulsos do núcleo espiritual do microcosmo. Assim, a personalidade

se orienta segundo as afinidades da alma: está ela, a alma, ligada à forma material e satisfeita com o lugar preponderante que o ego ocupa? Então ela perceberá pouca coisa do Espírito. Mas, se o eu busca conhecer o significado superior da Vida, então a alma começará a perceber a voz do espírito e a seguir suas indicações.

Com a morte, os corpos sutis se desligam do corpo material, e este processo demora algum tempo. A ligação, que pode ser comparada a um cordão umbilical, vai-se rompendo pouco a pouco, durante um tempo que depende da força das ligações da alma. Se se tratar de uma pessoa que está ligada à matéria pela própria vontade, o processo se desenvolverá mais lentamente. Mas, se a alma já estiver voltada para a vida superior, se ela estiver preparada para essa vida e disso der provas mediante seu comportamento, o processo será

Passado, presente, futuro. O Deus Heh representa o tempo infinito. Encosto de um assento da tumba de Tutancâmon, século XVI a.C.



rápido.

Quando os corpos sutis se desligam do corpo físico, eles se encontram no “além”, uma região que não se situa em um outro espaço: trata-se simplesmente de um outro nível de percepção.

A ALMA COLHE O FRUTO DE SUAS EXPERIÊNCIAS ÀS PORTAS DA MORTE

No “além”, a alma revê, retrospectivamente, sua vida em sentido inverso. É por isso que chamamos este momento de “a hora da verdade”. É feito o balanço e o julgamento da vida, tal como ela foi vivida. A alma colhe tudo o que semeou de bem e de mal. Ela recebe impressões de alegria, mas também de dor e de purificação. O mesmo tipo de descrição surge mais ou menos em diferentes mitos, como “Orfeu no Inferno”, por exemplo. A quintessência de todas estas experiências é gravada no microcosmo: é o que chamamos de “carma”, que determina o aspecto da encarnação seguinte no microcosmo.

Depois de ter cumprido sua tarefa de elemento de ligação, a alma vai se dissolvendo lentamente. É a segunda morte da personalidade terrestre. Ao mesmo tempo, o corpo volta à matéria. “...morrem e voltam para o seu pó.” (Salmo 104, 29).

A NOVA PERSONALIDADE É HERANÇA DO PASSADO

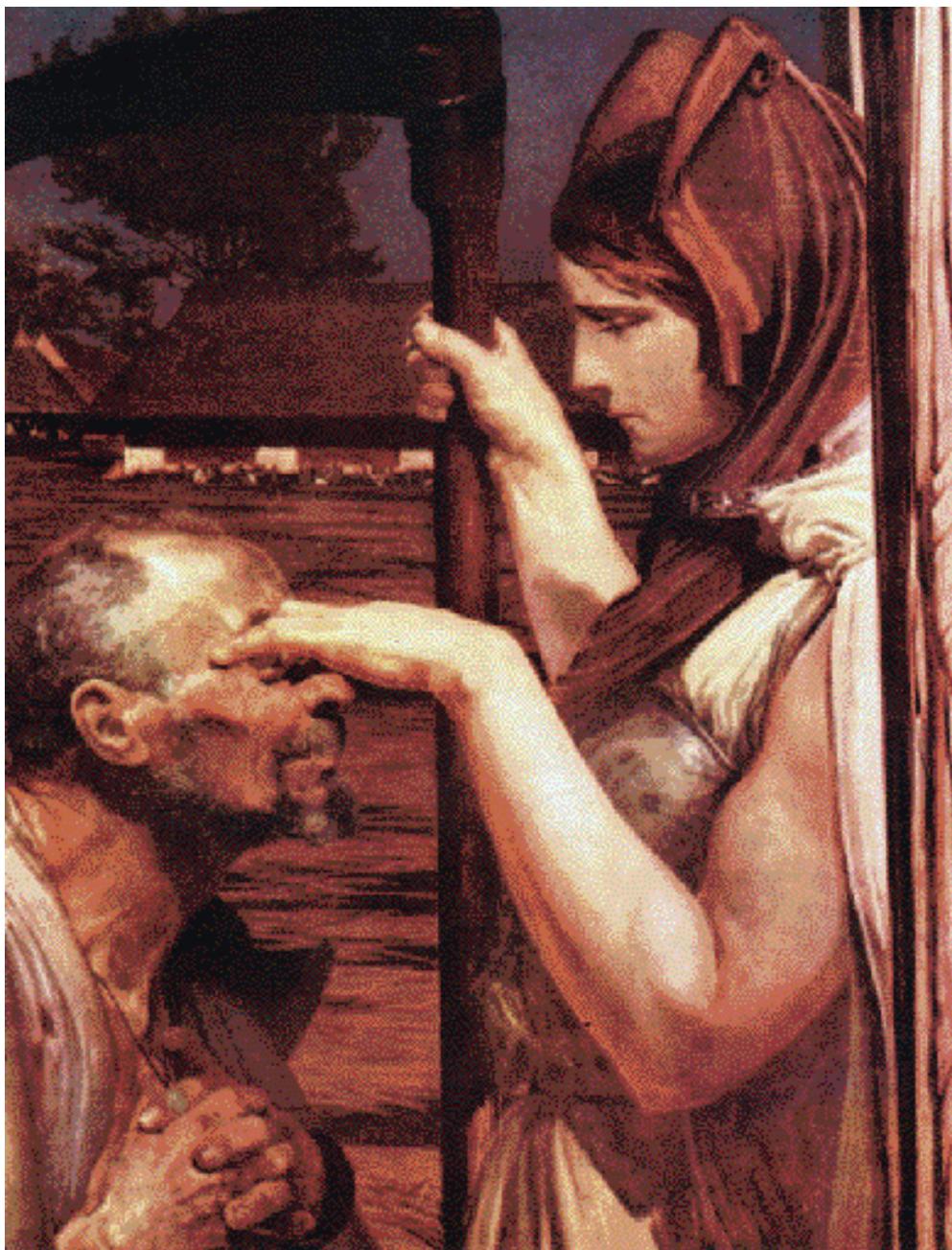
O microcosmo, este veículo espiritual

imortal, já não tem nenhuma ligação com a personalidade, mas encerra em si a quintessência da consciência desenvolvida durante a vida daquele que morreu. No momento em que o microcosmo aceita encarnar-se em uma nova personalidade, ela recebe o carma positivo e negativo, com o qual aprenderá a trabalhar.

É assim que a roda do nascimento e da morte vem girando há séculos e o microcosmo imortal deve ainda - e sempre - descer na matéria para ligar-se a uma única personalidade efêmera e mortal.

Podemos nos perguntar: para que serve o giro da roda do nascimento e da morte? Um princípio espiritual é levado à matéria, constrangido a habitar um mundo ao qual ele não pertence: seria este o objetivo da vida? Acumular alegrias e tristezas do berço ao túmulo, e depois, no momento de nossa morte, confiar ao microcosmo a soma de nossas experiências antes de nos dissolvermos no nada?

Como já dissemos, o filho deixou a casa de seu Pai celeste para fazer experiências no mundo do espaço e do tempo. Um ser espiritual não pode se manifestar no mundo da matéria porque a frequência vibratória é muito baixa. É preciso que ele abandone sua forma espiritual, sua veste real, como é dito no Canto da Pérola (atribuído a Mani). Para se expressar na matéria, este ser espiritual se liga a uma criatura deste mundo: e eis o homem terrestre, no qual subsiste apenas um núcleo, um germe, um átomo de sua condição original. No Canto da Pérola, também é dito que o



"Morte" (Jacek Malczewski, Museu Narodowe W. Poznaniu, Poznan, Polônia).

Filho carrega dentro de si a imagem de seu esplendor original, mas que ele não pode realizar este esplendor no mundo do espaço-tempo porque o Espírito pertence ao mundo da Eternidade.

Muitas lendas contam que o Filho Pródigo é atormentado por uma grande nostalgia e um ardente desejo de voltar. Não acontece o mesmo com o homem de hoje? Apesar de sua fra-

queza, de seu individualismo, de seu comportamento discutível, ele ainda guarda, por mínima que seja, a reminiscência desta vida superior. Ele aspira a esta justiça absoluta e eterna, ao amor ao próximo, a uma existência digna de um ser humano. Mas aí estão algumas propriedades que jamais serão do mundo dialético, que pertencem ao campo de vida original, e cuja lembrança somente o núcleo espiritual

O MICROCOSMO NÃO PODE VIVER SEM O SACRIFÍCIO DA ALMA

Quando o ego - o núcleo da alma mortal - percebe este desejo intervir e renuncia por sua própria vontade a exercer seu domínio, ele está preparado para voltar-se para o verdadeiro objetivo de sua vida. Portanto, ele depende da oferenda de amor da alma.

É então que, na antiga alma, desenvolve-se uma nova alma, a partir do princípio espiritual, da centelha-doracção. Como uma semente que germina ao calor e à luz do sol, ela cresce até tornar-se uma planta ou uma árvore. Esta nova alma não nasce da vontade do homem, mas da Gnosis. E, quando ela estiver suficientemente adiantada, poderá se unir à Gnosis nas núpcias alquímicas. Desta união, nasce o Homem-Alma-Espírito imortal, o tríplice corpo à imagem de Deus.

A VOLTA: OBJETIVO ÚNICO DA VIDA

Para o homem, esta volta à origem é o objetivo único de sua vida. Os rosacruzes chamam este processo de "transfiguração". É a ressurreição do Homem-Alma-Espírito do túmulo do homem natural. Ora, não há ressurreição sem crucificação. Quando a alma terrestre crucifica sua natureza inferior e persevera até o fim, logo vem a ressurreição da nova alma.

Para quem cumpre este processo, deixar o corpo terrestre terá um outro alcance: como, durante a vida, este ser

deu importância ao despertar e ao desenvolvimento da nova alma, a parte inútil se dissolve no "além", a fim de que a alma possa continuar seu caminho. A segunda morte já não é necessária, nem uma futura encarnação.

Mas, para aqueles que viveram unicamente voltados para a natureza mortal, a morte conduz à completa extinção da personalidade.